

**eja**  
EDUCAÇÃO  
PARA JOVENS  
E ADULTOS

# ARTES

e suas **TECNOLOGIAS**

Professor

Módulo 4 • Volume 2

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador  
**Sergio Cabral**

Vice-Governador  
**Luiz Fernando de Souza Pezão**

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Educação  
**Wilson Risolia**

Chefe de Gabinete  
**Sérgio Mendes**

Secretário Executivo  
**Amaury Perlingeiro**

Subsecretaria de Gestão do Ensino  
**Antônio José Vieira De Paiva Neto**

Superintendência pedagógica  
**Claudia Raybolt**

Coordenadora de Educação de Jovens e adulto  
**Rosana M.N. Mendes**

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário de Estado  
**Gustavo Reis Ferreira**

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente  
**Carlos Eduardo Bielschowsky**

PRODUÇÃO DO MATERIAL NOVA EJA (CECIERJ)

Diretoria Adjunta de Extensão  
**Elizabeth Ramalho Soares Bastos**

Coordenadora de Formação Continuada  
**Carmen Granja da Silva**

Gerência do Projeto  
**Marcela Silva dos Santos**

Diretoria Adjunta de Material Didático  
**Cristine Costa Barreto**

Coordenadores de Artes  
**Jussara Trindade**  
**Licko Turle**

Elaboração de Conteúdo de Dança  
**Angela Maria Gonçalves Ferreira**

Elaboração de Conteúdo de Música  
**Adriana Rodrigues Didier**

Elaboração de Conteúdo de Teatro  
**Jussara Trindade Moreira**

Elaboração de Conteúdo de  
Artes Visuais  
**Alda De Moura Macedo Figueiredo**

Elaboração de Conteúdo de  
Filosofia da Arte  
**Marco Antonio Casanova**

Design Instrucional e  
Revisão de Língua Portuguesa  
**Anna Maria Osborne**

Coordenação de Produção  
**Fábio Rapello Alencar**

Projeto Gráfico e Capa  
**Andreia Villar**

Imagem da Capa e da  
Abertura das Unidades  
**André Guimarães**

Diagramação  
**Alessandra Nogueira**  
**Alexandre d' Oliveira**  
**André Guimarães**  
**Andreia Villar**  
**Bianca Lima**  
**Carlos Eduardo Vaz**  
**Juliana Fernandes**

Ilustração  
**Clara Gomes**  
**Fernando Romeiro**  
**Jefferson Caçador**  
**Sami Souza**

Produção Gráfica  
**Verônica Paranhos**

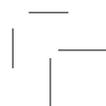
# Sumário

**Unidade 3 | A arte e o tempo** **5**

---

**Unidade 4 | A dimensão social da Arte** **57**

---



# A arte e o tempo

## Recursos e ideias para o Professor

### Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



#### Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



#### Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



#### Avaliação

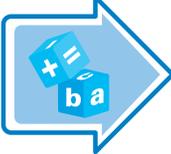
Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



#### Exercícios

Proposições de exercícios complementares.

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte, testemunha de seu tempo (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> ; objetos selecionados pelos alunos.	A partir do estudo da Pré-História, anterior à escrita, refletir sobre os objetos do nosso cotidiano com o olhar distanciado como meio de estudar a sociedade do século XXI.	Individual.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Seção 1 – A arte no Mundo Antigo

Páginas no material do aluno

11 a 17

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Equilíbrio desconstruído (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A simetria é uma forte característica da arquitetura grega, presente também na Natureza. A proposta da atividade é perceber e trabalhar a assimetria na desconstrução de um olhar que busca o equilíbrio.	Duplas.	2 aulas de 50 minutos cada.
	Imagens dançantes (Dança).	Telefones celulares; papéis e lápis para desenhar.	Registrar em desenhos a movimentação de um colega, estabelecendo relações entre Artes Visuais e Dança.	Três grandes grupos.	2 aulas de 50 minutos cada.

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Os sons da Antiguidade (Música).	Imagens impressas ou reproduzidas no <i>Datashow</i> . Objetos selecionados pelos alunos.	A partir da observação, escuta e pesquisa, refletir e pesquisar sobre o som e a música da Antiguidade.	Individual ou em grupo.	2 aulas de 50 minutos cada.
	O fantástico universo das sombras (Teatro).	Lanterna ou lâmpada; lençol branco; barbanete/varal; figuras recortadas em papel (opcional)	A proposta da atividade é criar uma peça ou cena teatral com os elementos do teatro de sombras.	Grupos de quatro a seis alunos.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Seção 2 – Trevas x Luz: a arte entre a Idade Média e o Renascimento

Páginas no material do aluno

17 a 23

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Iluminuras, arte encadernada (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A partir do estudo da arte na Idade Média, analisar a arte nos manuscritos para desencadear uma reflexão sobre a importância do conhecimento no desenvolvimento da sociedade.	Individual.	2 aulas de 50 minutos cada.
	Dançando para exorcizar o medo (Dança).	Computador com acesso ao Youtube.	Criar movimentos a partir da animação apresentada em vídeo.	Individual.	1 aula de 50 minutos.

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Música para se divertir (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> ; aparelho de som ou Internet.	A partir da escuta e observação das figuras, analisar a música que era executada nas danças da Idade Média e Renascença.	Individual e grupos.	2 aulas de 50 minutos cada.
	Teatro: uma magia sem mistérios (Teatro).	Imagens apresentadas no <i>Datashow</i> .	Debate a partir da apreciação crítica e análise comparativa de dois estilos teatrais surgidos no Renascimento.	Não há.	1 aula de 50 minutos.

### Seção 3 – As expressões da Modernidade

Páginas no material do aluno

23 a 28

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Djanira: lazer e labor. (Artes Visuais).	Imagem impressa ou exibida com <i>Datashow</i> .	A obra de Djanira é um forte exemplo de como o artista do século XX pensou nosso país. A atividade propõe fazer uma releitura com os temas e as cores do Brasil.	Grupos de três alunos.	2 aulas de 50 minutos cada.
	Não é fácil ser moderno (Dança).	Computador com acesso ao Youtube.	Estimular os alunos a criar imagens para a música de Stravinsky, "Sagração da Primavera".	Grupos de 4 alunos.	1 aula de 50 minutos.
	Flutuando num mar de sons (Música).	Aparelho de som ou computador para áudio, imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A partir da observação, escuta e pesquisa, refletir sobre o impressionismo, importante movimento artístico do início do século XX.	Não há.	2 aulas de 50 minutos cada.

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O Império do Riso (Teatro).	Imagens projetadas em <i>Datashow</i> .	A atividade propõe a elaboração de roteiro de espetáculo, utilizando elementos cênicos de gêneros humorísticos.	Grupos de 6 a 8 alunos.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Seção 4 – Da arte de “ficção” à arte da “vida real”

Páginas no material do aluno

29 a 34

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Pop Art, o cotidiano na arte (Artes Visuais).	Imagem impressa ou exibida com <i>Datashow</i> .	A arte muda porque o mundo muda. A Pop Art ajudará a refletir sobre isso.	Individual e coletiva.	2 aulas de 50 minutos cada.
	Teatro + Dança: uma mistura legal! (Dança).	Lápis e papel; aparelho de som e CDs; músicas gravadas no celular.	A proposta da atividade é experimentar possibilidades entre a dança e o teatro.	Grupos de 4 a 6 alunos.	1 aula de 50 minutos.
	A música dos objetos (Música).	Imagem impressa ou exibida com <i>Datashow</i> .	Reflexões sobre o aproveitamento do uso de objetos sonoros do cotidiano.	Individual e coletiva.	2 aulas de 50 minutos cada.
	Olhos nos olhos (Teatro).	Celulares (dos próprios alunos); filmadora, se possível.	A atividade consiste na realização de uma performance no espaço escolar, com foco na sensibilização do olhar.	Não há.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Leitura de imagem – Leitura de época.	Imagens impressas ou apresentadas no <i>Datashow</i> .	Fazer a leitura das imagens apresentadas em ordem cronológica para pensar sobre a arte como reflexo de uma época, enfatizando a presença feminina em todas as imagens.	Individual.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte, testemunha de seu tempo (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> ; objetos selecionados pelos alunos	A partir do estudo da Pré-História, anterior à escrita, refletir sobre os objetos do nosso cotidiano com o olhar distanciado como meio de estudar a sociedade do século XXI.	Individual.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos Operacionais

Na Seção 1 da Unidade 3 – Arte no Mundo Antigo – foi abordada a questão da ausência ou da presença da escrita como forma de interferência na comunicação e no registro de uma época. A Pré-História, por exemplo, corresponde ao período da história que antecede a invenção da escrita, porém, marcas e registros foram encontrados possibilitando estudos e hipóteses sobre os homens daquela época. A arte, mesmo sem a existência desta palavra, já se fazia presente. O estudo da história com o auxílio da escrita modificou a maneira de olhar para o passado. Também, a arte se modificou com a escrita: ou a utilizando, ou encontrando novas possibilidades, como o registro, por exemplo.

1º Passo: Pergunte à turma se alguém já visitou ou viu na televisão, em revistas ou em sites da Internet um museu de história, para desencadear uma reflexão sobre o que vemos nesse lugar de memória e com qual olhar tudo é visto. Explique que a experiência de visitar um museu histórico, como o Museu Imperial de Petrópolis RJ, por exemplo, nos coloca frente a frente com o passado. O que vemos, relacionamos automaticamente com o que temos hoje, ou seja, a contemporaneidade. Comparamos tudo com a nossa realidade, até a dimensão dos cômodos ou o pé direito da construção (a expressão “pé direito” refere-se à distância entre o chão e o teto de uma construção); e percebemos o quanto era diferente. Isso, sem falar em móveis, utensílios domésticos e objetos decorativos. Podemos concluir que, desta maneira, as construções em que moramos, bem como os utensílios que hoje fazem parte da nossa vida diária, poderão futuramente estar nos museus, atestando os nossos hábitos, os nossos valores e o nosso modo de vida.

2º Passo: Apresente aos alunos os exemplos a seguir para que possam observar e relacionar com os equivalentes da atualidade. Na Figura 1, vemos uma carruagem de gala que pertence ao acervo do Museu Imperial. Este veículo era utilizado pela Família Imperial. A Figura 2 mostra a fachada do Museu Imperial. Explique à turma que esta imensa construção era a moradia de veraneio de uma única família. Ainda na Figura 2, vale ressaltar que estamos diante de uma construção neoclássica, ou seja, o que foi estudado na Seção 1 sobre a arquitetura grega foi retomado aqui no Brasil no século XIX com o título de Neoclássico – um novo estilo clássico.



Figura 1: Carruagem de Gala, acervo do Museu Imperial, Petrópolis RJ. Observe a riqueza de detalhes e a imponência da carruagem imperial. Construída em 1837 em Londres, era utilizada pelo imperador em ocasiões solenes, como os casamentos de suas duas filhas e a abertura da Assembleia Geral, que ocorria anualmente no dia 03 de maio. Devido ao nobre metal utilizado na sua confecção, era chamada pela população do Rio de Janeiro de “Monte de Prata”, mas também era conhecida como “Carro cor-de-cana”, em função da sua coloração. A peça foi doada ao Museu pela família imperial na década de 1940.  
Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Petropolis-CoachImperialMuseum.jpg>



Figura 2: Museu Imperial, Petrópolis RJ. Observe a simetria e o equilíbrio presentes na construção neoclássica. As referências aos templos gregos estão, ainda, no frontão triangular e nas colunas. As janelas com arco pleno e as cores rosa clara e branca também são características da arquitetura neoclássica. O palácio foi enriquecido, ainda na década de 1850, com o jardim planejado e executado pelo paisagista Jean-Baptiste Binot, sob orientação do jovem Imperador, D. Pedro II.  
Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:PetropolisMuseuImperial1-CCBYSA.jpg>

3º Passo: Proponha a seguinte experiência para turma: Faça uma viagem ao futuro e apresente um objeto que conta um pouco da história de hoje, ou seja, que faça parte do nosso presente. Esse objeto pode atestar nossos hábitos, nossos valores ou nosso modo de vida. Faça uma apresentação explicativa desse objeto, imaginando que

ninguém o conheça. Um objeto de decoração, de arte, uma peça de roupa ou um preservativo, por exemplo; estimule a criatividade na escolha. Supondo que seja um objeto totalmente desconhecido, investigue-o e preencha os itens abaixo. O aluno trabalhará como um pesquisador: atribuirá novo nome ao objeto, estimará a datação, e assim por diante:

Autor da pesquisa:

Nome do objeto:

Datação:

Local encontrado:

Material:

Utilização:

4º Passo: Os itens acima podem ser preenchidos em uma folha separada e colocados sobre as mesas dos alunos, juntamente com o objeto estudado para que a turma tenha acesso a todos os trabalhos e a sala de aula se torne um museu de história do futuro. Fique atento(a) aos comentários dos alunos.

---

## Aspectos Pedagógicos

A vinda da família real portuguesa em 1808 iniciou uma nova fase na arquitetura brasileira. Esta foi gradativamente substituída pela neoclássica, devido à Missão Artística Francesa, que trouxe artistas e arquitetos para fundar a Imperial Academia de Belas-Artes no Rio de Janeiro. A arquitetura neoclássica buscou inspiração nos edifícios da Antiguidade Clássica, em especial no modelo de templos gregos, cuja fachada típica é constituída de um retângulo estruturado por colunas e coroado por um frontão triangular, um modelo simétrico que era entendido como expressão de ordem, disciplina, equilíbrio e racionalismo. O prédio do Museu Imperial foi construído por Dom Pedro II entre 1845 e 1862.

Mas, além das construções, podemos perceber que, olhando à nossa volta, vivemos rodeados de objetos; se examinarmos esses objetos verificaremos que foram feitos com uma finalidade, seja um lápis ou uma calculadora. Ao longo da história, o homem sempre produziu ferramentas para facilitar seu trabalho ou para ajudá-lo a superar suas limitações físicas, possibilitando dominar e transformar o meio natural. Essa atitude de criar instrumentos e aperfeiçoá-los constantemente torna possível a compreensão do processo civilizatório pelo qual o homem vem passando desde que surgiu na Terra; assim, os antropólogos culturais são capazes de reconstituir a organização social de um grupo humano a partir dos objetos que se preservaram.

O ser humano também produz coisas que, apesar de não terem uma utilidade imediata, sempre estiveram presentes em sua vida; mostrando-nos que o homem cria objetos também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que vive. Essas criações são as obras ou objetos de arte e também contam – talvez de forma muito mais fiel, ou profunda – a história dos homens ao longo dos séculos.

A arte não é algo isolado das demais atividades humanas!

## Seção 1 – A arte no mundo antigo

Páginas no material do aluno

11 a 17

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Equilíbrio desconstruído (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A simetria é uma forte característica da arquitetura grega, presente também na Natureza. A proposta da atividade é perceber e trabalhar a assimetria na desconstrução de um olhar que busca o equilíbrio.	Duplas.	2 aulas de 50 minutos cada.

### Aspectos Operacionais

1º Passo: Apresente as imagens a seguir aos alunos. Existe uma semelhança estrutural entre elas. Peça para que os alunos a identifiquem.



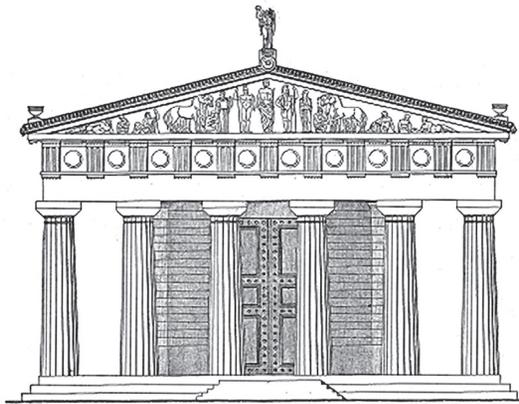
Figura 1: “Dracula” é um gênero botânico pertencente à família das orquídeas.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dracula\\_\(orqu%C3%ADdea\)#mediaviewer/Ficheiro:Dracula\\_lotax\\_toapel.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dracula_(orqu%C3%ADdea)#mediaviewer/Ficheiro:Dracula_lotax_toapel.jpg)



**Figura 2: Phalaenopsis. Orquídea asiática incomum, diferente das espécies “puras” encontradas em coleções. São as mais conhecidas espécies híbridas geradas de semente, e depois reproduzidas do caule.**

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Orqu%C3%ADdea#mediaviewer/Ficheiro:Orchid%C3%A9\\_\(3\).JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orqu%C3%ADdea#mediaviewer/Ficheiro:Orchid%C3%A9_(3).JPG)



**Figura 3: Templo de Zeus (o rei dos deuses do Olimpo), com acrotério de figura humana no vértice do frontão e dois acrotérios com vasos nas laterais, em Olímpia, Grécia. Acrotérios são os elementos ornamentais mais elevados, utilizados na arquitetura clássica.**

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Acrot%C3%A9rio#mediaviewer/Ficheiro:Zeustempel\\_Olympia.PNG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Acrot%C3%A9rio#mediaviewer/Ficheiro:Zeustempel_Olympia.PNG)



**Figura 4: Arco de Constantino, em Roma, Itália. Foram os romanos quem introduziram este tipo de monumento arquitetônico – o arco do triunfo – que era construído após as vitórias, para simbolizar e homenagear o triunfo do exército romano.**

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura\\_da\\_Roma\\_Antiga#mediaviewer/Ficheiro:Arch\\_of\\_Constantine\\_\(Rome\)\\_3.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_da_Roma_Antiga#mediaviewer/Ficheiro:Arch_of_Constantine_(Rome)_3.jpg)

2º Passo: A partir das colocações dos alunos após a observação das imagens, explique que o que existe em comum a todas as imagens é um motivo simétrico. Dessa maneira, pode-se concluir de modo geral que, por exemplo, quando dividimos ao meio um desenho, objeto ou elemento da Natureza, e encontramos semelhanças na forma e disposição dos elementos das duas partes, temos um motivo simétrico, equilibrado.

3º Passo: Apresente a imagem a seguir aos alunos e peça para que a observem decidindo se é uma construção simétrica ou assimétrica.



**Figura 5: Igreja da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. Arquitetura de Oscar Niemeyer.**

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:%D0%A6%D1%80%D0%BA%D0%B2%D0%B0\\_%D1%83\\_%D0%9F%D0%B0%D0%BC%D0%BF%D1%83%D1%99%D0%B8.JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:%D0%A6%D1%80%D0%BA%D0%B2%D0%B0_%D1%83_%D0%9F%D0%B0%D0%BC%D0%BF%D1%83%D1%99%D0%B8.JPG)

4º Passo: A comparação entre a arquitetura grega e romana apresentadas anteriormente, as flores (elementos da Natureza) e o projeto de Oscar Niemeyer fará o aluno perceber a diferença entre simetria e assimetria. Perceberá também que o ser humano tem uma tendência a apreciar o que é simétrico e equilibrado. Seria essa uma herança grega do padrão de beleza?

Leve o aluno a observar que construções mais modernas escapam da simetria e mostram originalidade, como os projetos de Niemeyer, por exemplo. Pode-se observar que, nas roupas, a assimetria faz parte de muitos modelos, como uma alça somente, e até utilizar o boné com a aba de lado escapa de algo conservador e mostra ousadia.

5º Passo: Proponha à turma que se organize em duplas para elaborar a fachada de uma construção assimétrica. Pode ser uma igreja, prédio residencial ou comercial, casa ou outro tipo de construção. O exercício estará em não elaborar um desenho simétrico, para isso as formas e as cores serão grandes ferramentas. O projeto arquitetônico poderá ser desenvolvido em papel A4 e materiais simples, como: lápis, caneta e lápis de cor.

## Aspectos Pedagógicos

Se prestarmos atenção na Natureza, veremos que plantas, conchas e outros elementos apresentam uma simetria bastante harmoniosa. Conhecida desde a Antiguidade, essa simetria ou tendência perfeita recebeu os nomes de razão áurea ou divina proporção. Essa proporcionalidade entre as partes cria um conjunto equilibrado, agradável à vista. Os gregos utilizavam a divina proporção para relacionar as partes de seus templos e ela está presente ainda hoje no projeto de alguns edifícios.

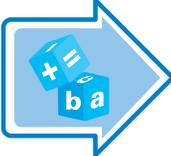
Na arquitetura grega, as edificações que despertam maior interesse são os templos. Essas obras foram construídas não para reunir dentro delas um grupo de pessoas para o culto religioso, mas para proteger das chuvas ou do sol excessivo as esculturas dos seus deuses e deusas. A característica mais evidente dos templos gregos é a simetria entre o pórtico da entrada e o dos fundos.

Os templos gregos eram cobertos por um telhado inclinado para as laterais. Dessa posição do telhado, resultava um espaço triangular sobre a cornija, tanto no pórtico de entrada quanto no dos fundos. Esse espaço, denominado frontão, era intensamente ornamentado com esculturas. Dos frontões dos templos gregos, é notável o frontão do templo de Zeus, em Olímpia (465-457 a.C.), pela forma harmoniosa com que as esculturas ocupam o espaço. (Volte à Figura 3 e observe com os alunos a simetria na acomodação das esculturas no frontão).

### Seção 1 – A arte no mundo antigo

Páginas no material do aluno

11 a 17

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Imagens dançantes (Dança).	Telefones celulares; papéis e lápis para desenhar.	Registrar em desenhos a movimentação de um colega, estabelecendo relações entre Artes Visuais e Dança.	Três grandes grupos.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente os vídeos indicados e as imagens, para complementar uma explanação verbal sobre a dança das antigas civilizações. Aspectos a serem enfatizados: funções da dança na Pré-História e Antiguidade; lendas e rituais de diferentes culturas, tanto no Ocidente quanto no Oriente; tipos de movimentos corporais e de música que acompanham os dançarinos. As danças dos vídeos foram elaboradas com base nos conhecimentos milenares das respectivas culturas sendo, portanto, representativas de coreografias cujo registro verídico perdeu-se no tempo.

- a. *A Deusa das Mil Mãos*: performance realizada em 2005, no Festival da Primavera CCTV Gala por 21 jovens chineses, deficientes auditivos, de uma precisão e beleza impressionantes.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=uUI0JRoQeG4>

- b. Dança balinesa que narra o *Tari Topeng Telek*, um episódio da história de Shiva, "o Transformador" – um dos deuses da Trindade hindu, juntamente com Brahma, "o Criador" e Vishnu, "o Preservador".

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=mdj6RtfFc3c>

- c. Uma dança dos Pigmeus, povo do Congo (África Central).

Fonte: <http://youtube/ZEdvPjqqAll>

- d. Dança com véu, baseada no estudo das formas humanas encontradas em frisos, ânforas e estátuas da Grécia Antiga.

Fonte: <http://youtu.be/UNfvTeZ4U2c>

- e. Imagens:



**Figura 6:** Figura humana dançando, pintada nas paredes da Toca do Boqueirão da Pedra Furada na Serra da Capivara, no Piauí.

Fonte: [http://www.bradshawfoundation.com/south\\_america/serra\\_da\\_capivara/photographs/5.jpg](http://www.bradshawfoundation.com/south_america/serra_da_capivara/photographs/5.jpg)



**Figura 7:** Dois frisos de vaso grego, representando uma dança de roda.

Fonte: [http://lh3.ggpht.com/-p9hldbojIEk/UL5wHJgwwbl/AAAAAAAAACus/VuhU88bKZDo/s1600-h/clip\\_image011%25255B3%25255D.jpg](http://lh3.ggpht.com/-p9hldbojIEk/UL5wHJgwwbl/AAAAAAAAACus/VuhU88bKZDo/s1600-h/clip_image011%25255B3%25255D.jpg)

O professor deve enfatizar a simplicidade de movimentos usados nas danças primitivas, para desconstruir o mito de que, para dançar, é necessário fazer movimentos difíceis!

3º Passo: Estimular os alunos que queiram criar uma sequência de movimentos, para comunicar uma ideia (a ser combinada com o professor). Dividir a turma em grupos, no mesmo número de improvisações que surgirem. Cada grupo deverá fotografar os movimentos apresentados para criar um friso, a partir da sequência observada, ou seja: uma barra ou faixa pintada, com inscrições ou não, dispostas horizontalmente, registrando assim a comunicação daquilo que foi apresentado por meio da dança.

## Aspectos Pedagógicos

A dança é uma das expressões artísticas mais antigas. Na Pré-História, dançava-se pela sobrevivência; o homem evoluiu e a dança obteve características sagradas, os gestos eram místicos e acompanhavam rituais. Os primeiros registros gráficos datam do Período Paleolítico Superior, há cerca de 35 mil anos a.C. Muito de tudo isso ficou gravado em cavernas e utensílios domésticos.

Na China Antiga, os guerreiros dançavam para o público em geral ou para o Imperador, com movimentos e técnicas de artes marciais. De acordo com o livro mais antigo da história japonesa, Kojiki (“Registro de Casos Antigos”), a dança nasceu quando Amaterasu Omikami, a deusa do Sol, escondeu-se em uma caverna depois de brigar com o irmão, Susano-o. Deixados no frio e no escuro, os homens dançaram sem parar perto da caverna, para atrair a sua atenção: curiosa, ela saiu da caverna e o sol voltou a brilhar. Considerados descendentes diretos da deusa, os imperadores eram homenageados com danças especiais.

A dança mais popular da Índia é a *Bharathanatyam*, uma dança clássica tradicional, na qual os dançarinos executam movimentos suaves e lindas posturas, para falar das grandes realizações de deuses e heróis da mitologia hindu. Surgiu há mais de 5 mil anos no sul da Índia e influenciou outros estilos por todo o continente asiático.

Na milenar coreografia *Tari Topeng Telek*, representada até hoje na Ilha de Bali, os bailarinos “telek” são os guardiões do templo e protetores do bem. Usam máscaras brancas para refletir sua natureza gentil e refinada. Já os bailarinos “jauk” são demônios cruéis. Eles usam máscaras vermelhas e unhas compridas, para representar a raiva e a destruição. O confronto central é entre o protetor Barong e o destruidor Rangda, deuses da mitologia da Indonésia Antiga.

### Seção 1 – A arte no mundo antigo

Páginas no material do aluno

11 a 17

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Os sons da Antiguidade (Música).	Imagens impressas ou reproduzidas no <i>Datashow</i> . Objetos selecionados pelos alunos.	A partir da observação, escuta e pesquisa, refletir e pesquisar sobre o som e a música da Antiguidade.	Individual ou em grupo.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos Operacionais

Na Seção 1 da Unidade 3 – A arte no Mundo Antigo – foi abordada a questão do som e da música na Antiguidade. A ausência de registros escritos como partituras não nos permite reproduzir os sons daquela época, mas podemos pensar que os sons da Natureza e do corpo ainda sejam os mesmos. Através das artes visuais, que registraram imagens dos objetos utilizados pelo homem como instrumentos musicais, podemos ter uma ideia do som e da música na Antiguidade. A escrita, a poesia, os mitos gregos nos levam a Apolo e ao nascimento da lira, instrumento que milhares de anos depois, continua sendo o símbolo da música no Ocidente.

1º Passo: Apresente as imagens e sons de, pelo menos, uma delas e peça aos alunos que as observem e escutem. Depois, converse com a turma sobre os sons que cada imagem revela: pássaros, vento, mar, pés. Solicite que os alunos, em grupos, façam com seus pés, mãos e boca, uma pesquisa sonora sobre os sons da Natureza e do corpo humano, que acompanham o homem desde sempre.



**Figura 8: Revoada de pássaros à beira-mar. A visão evoca imediatamente uma “imagem sonora” formada pelo som do mar em movimento, o bater de asas e gritos das aves em busca de alimento.**

Fonte: <http://www.shutterstock.com/pt-pic-124044424/stock-photo-seagulls-flying-among-blue-sky.html?src=pp-photo-82112854-3>

**Vídeo: sons de pássaros, vento e mar.**

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yKBwxkBmlkw>



**Figura 9: Pés humanos descalços, cujo deslocamento no espaço sugere um ritmo – criado pelas batidas no chão a cada passo – que podemos “ouvir” mentalmente.**

Fonte: <http://www.shutterstock.com/pt-pic-106435805/stock-vector-foot-prints-two-black-man-footprints.html?src=3r1cCuAp1jUoJ9w1TN37Ew-1-14>



Figura 10: A antiga lira grega era o instrumento da classe nobre, e tinha um estreito vínculo com Apolo, deus protetor das artes.

Vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=uBmOrj7\\_HxE](https://www.youtube.com/watch?v=uBmOrj7_HxE)

Fonte: <http://pixabay.com/pt/m%C3%BAasicas-pessoas-senhora-mulher-37613/>



Figura 11: No contexto grego, o universo da música incluía praticar poesia, dança e ginástica, além de estudar Matemática, Medicina, Psicologia, Ética, Religião, Filosofia e Política. Segundo o filósofo Platão, a música tinha papel crucial na educação, por desenvolver qualidades como ordem, dignidade, capacidade de decisão, equilíbrio e temperança – atributos necessários aos futuros líderes das cidades-Estado gregas.

Fonte: <http://pixabay.com/pt/m%C3%BAasicas-pessoas-homem-mulher-33045/>

3º Passo: Proponha uma reflexão sobre a origem dos instrumentos. Leia o texto mais à frente, com as três lendas que contam sobre a origem da lira na Grécia Antiga. Peça para que, em grupos, escrevam um texto usando a fantasia e a imaginação para criar uma história sobre a origem de um instrumento musical escolhido pelo grupo.

---

## Aspectos Pedagógicos

Foram encontrados (datados de 40.000 a.C.) apitos feitos com conchas, ossos e chifres, que teriam sido mais usados para comunicar do que para fazer música. Nas primeiras civilizações que se desenvolveram na Ásia, a música fazia parte direta das manifestações sociais. No Antigo Egito, a música estava presente nos templos, em casa, procissões e cerimônias fúnebres. Harpas e instrumentos de sopro eram tocados por mulheres. Os faraós possuíam cantores e instrumentistas preferidos.

Os gregos, assim como os outros povos da antiguidade, explicavam os fenômenos da Natureza por meio de seus mitos, e a origem da música e dos instrumentos era atribuída aos deuses. Essas tradições colocam deuses, semideuses e heróis míticos como inventores de instrumentos e obras musicais. Apolo, por exemplo, era o deus da poesia e da música.

Sobre a invenção da lira existem três lendas: a primeira conta que, um dia, Apolo passeava pela praia e tropeçou no casco de uma tartaruga que estava com as tripas secas e esticadas. Notou, então, que, fazendo-as vibrar, surgia um belo som; assim foi a origem da lira grega. As figuras mostram que as liras gregas aparecem quase sempre em forma de casco de tartaruga. A segunda lenda diz que Apolo amarrou cordas de tripa nos chifres de um boi, e foi daí que se originou a lira. Muitas liras gregas tinham realmente a forma de chifres de boi. Na terceira, Apolo e sua irmã Diana (a deusa da caça) estavam caçando e ele notou que, quando ela atirava a flecha, a corda, ao ser solta, produzia um som. Pensou, então em fazer instrumentos de corda.

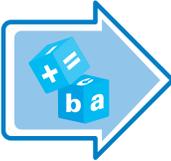
Na sociedade grega, os dois principais instrumentos eram a lira, considerada por Platão (428-348 a.C.) como o instrumento ideal da República devido ao caráter viril, austero e firme, capaz de enfrentar desafios; e o aulos, instrumento de sopro dedicado a Dionísio (deus da vinha), utilizado nos “ditirambos” - cortejos festivos em que o povo grego celebrava as colheitas.

Com os romanos da Antiguidade (284 D.C.), a música passa a fazer parte integrante de grandes acontecimentos públicos, como os jogos e os combates no Coliseu de Roma. Realizou-se um enorme concerto nos jogos de Roma onde se apresentaram 100 trombetas, 100 trompas e 200 charamelas (instrumento de sopro, de timbre estridente). Todas as ocasiões eram pretexto para ouvir música que, acima de tudo destinava-se a exaltar e divertir as multidões. Os cristãos não aceitavam essa atitude e passaram a associar a música instrumental ao paganismo. Por isso, quando o culto cristão foi oficializado em Roma, em 313 d.C, por Constantino I, a música vocal da Igreja Católica romana tornou-se a base da música erudita do Ocidente: um solista cantava os salmos, deixando aos fiéis apenas algumas respostas fáceis.

## Seção 1 – A arte no mundo antigo

Páginas no material do aluno

11 a 17

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O fantástico universo das sombras (Teatro).	Lanterna ou lâmpada; lençol branco; barbanete/varal; figuras recortadas em papel (opcional)	A proposta da atividade é criar uma peça ou cena teatral com os elementos do teatro de sombras.	Grupos de quatro a seis alunos.	2 aulas de 50 minutos cada.

Considera-se que o início da Antiguidade remonta à invenção da escrita (4.000 a.C. aproximadamente) e se estende até 476 d.C., com a Queda do Império Romano no Ocidente. Abrange, portanto, um período muito longo durante o qual não existia ainda o “teatro” tal como conhecemos hoje. Mas, há registros de manifestações teatrais em todas as grandes civilizações desse período histórico. Uma das mais antigas, em que essa arte já apresenta técnicas, aparatos cênicos e uma dramaturgia (a história a ser contada para um público espectador), é o teatro de sombras que foi praticado principalmente na Índia, Indonésia, Turquia e China. No teatro chinês, que possui cerca de 5 mil anos de idade, esta modalidade atingiu um alto nível de complexidade no período de domínio do Imperador Wu-ti (140-87 a.C.), um amante das artes.



Figura 12: Personagens do teatro de sombras chinês. Na Antiguidade, os bonecos eram feitos de couro de burro, búfalo ou peixes.



Figura 13: Karagöz e Hacivat, personagens do teatro de sombras turco.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_de\\_sombras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_de_sombras)

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Apresente a seus alunos os vídeos:

<http://www.youtube.com/watch?v=QXMIVgNquNs> – A lenda do teatro de sombras chinês

<http://www.youtube.com/watch?v=BfHsupOCHJ0> – Teatro de sombras com as mãos

<http://www.youtube.com/watch?v=BUqpQVbEX9M> – Como fazer um teatro de sombras

2º Passo: Em grupos, os alunos criarão uma cena ou peça curta de teatro de sombras. O tema é livre ou poderá estar ligado a um assunto de interesse da turma. Cada grupo será responsável pelos materiais necessários à sua apresentação; o mais simples é, sem dúvida, o uso de uma lanterna com foco de luz sobre uma parede da sala (escura), por meio da qual se pode projetar a silhueta das mãos e/ou objetos para contar uma história. Para tornar a narrativa cênica mais interessante, pode-se utilizar uma trilha musical pré-selecionada ou ainda a elocução de um texto breve, também elaborado pelo grupo.

3º Passo: Apresentação dos trabalhos e avaliação coletiva. O mais importante, aqui, não é apontar os defeitos de cada apresentação, mas comentar os pontos positivos e dificuldades encontradas na execução da atividade.

## Aspectos Pedagógicos

O teatro de sombras é uma arte milenar que tem origem no Oriente Antigo, mas ganhou o mundo e até hoje encanta artistas e públicos do mundo inteiro. Suas técnicas são relativamente simples: através de uma tela branca, onde um foco de luz se acende, são projetadas silhuetas de figuras humanas, animais, objetos, criadas pelo artista (mãos, corpo inteiro) ou recortadas em papel, remetendo o espectador a um mundo mágico e poético.

Segundo a lenda chinesa, o Imperador Wu Ti, da Dinastia Han, governava com sabedoria e seu reinado era o mais glorioso de todos os tempos. Mas, Wu Ti era muito supersticioso e acreditava na arte da magia. Quando sua dançarina favorita morreu, ele, desesperado, exigiu que o mago da corte a fizesse retornar do Reino das Sombras. Caso contrário, seria decapitado. O mago usou sua imaginação e, com uma pele de peixe, cuidadosamente preparada para torná-la macia e transparente, recortou a silhueta da dançarina, tão linda e graciosa como ela fora. Numa varanda do palácio imperial, mandou esticar uma cortina branca em frente a um campo aberto. Com o Imperador e a corte reunida na varanda, e à luz do sol infiltrando-se através da cortina, ele fez a sombra da dançarina dançar ao som de uma flauta. Todos ficaram assombrados com o acontecimento milagroso e o mago foi poupado da morte.

### Seção 2 – Trevas x Luz: a arte entre a Idade Média e o Renascimento

Páginas no material do aluno

11 a 23

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Iluminuras, arte encadernada (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A partir do estudo da arte na Idade Média, analisar a arte nos manuscritos para desencadear uma reflexão sobre a importância do conhecimento no desenvolvimento da sociedade.	Individual.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente, para a turma, as imagens a seguir.



Figura 1: Uma letra "P" capitular, isto é, iniciando um novo capítulo, iluminada na Bíblia de Malmesbury (Inglaterra), um livro manuscrito medieval.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminura#mediaviewer/Ficheiro:illuminated.bible.closeup.arp.jpg>



Figura 2: Livro de Horas de D. Duarte, um manuscrito iluminado, elaborado na cidade flamenga de Bruges (Bélgica), durante as primeiras décadas do século XV. Como o nome indica, trata-se de um livro de horas da Idade Média: contém o calendário litúrgico dos doze meses do ano, assim como as horas canônicas (horários das orações a serem feitas durante o dia). Juntamente com o Livro de Horas de D. Manuel, é o mais importante livro de horas conservado em Portugal. Foi feito com 370 folhas de pergaminho; o texto é em latim, e a escrita é a escrita gótica da época.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro\\_de\\_Horas\\_de\\_D.\\_Duarte#mediaviewer/Ficheiro:Fl\\_135\\_-\\_Livro\\_de\\_Horas\\_de\\_D.\\_Duarte,\\_Vesperas.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_Horas_de_D._Duarte#mediaviewer/Ficheiro:Fl_135_-_Livro_de_Horas_de_D._Duarte,_Vesperas.jpg)

2º Passo: Pergunte aos alunos, em uma conversa coletiva, qual teria sido o material utilizado, o suporte, os temas, a época e os possíveis artistas. A partir das respostas, explique que se trata de manuscritos com iluminuras – livros escritos à mão e decorados com pinturas e ornamentos de diferentes tipos. A palavra “iluminura” vem do uso do verbo latino *illuminare* com o significado de “adornar”. As decorações se classificam em três tipos principais: miniatu-

ras ou imagens em tamanho reduzido, letras iniciais e margens. Os manuscritos eram, na maior parte, feitos em couro, pergaminho (pele de ovelha) ou velino (diferencia-se do pergaminho por ser feito com peles de melhor qualidade). Utilizava-se ouro e tinta à base de têmpera (ovos e goma dissolvidos em água). Com o advento da imprensa no século XV, as iluminuras foram caindo em desuso.

3º Passo: Na Seção 2 da Unidade 3, os alunos estudaram sobre a Idade Média. Naquela época, a Igreja detinha todo o poder sobre a população. O clero e a nobreza estavam acima da população também porque tinham acesso à leitura e à escrita. As iluminuras estavam dentro dos livros, ou seja, a arte das iluminuras não era vista pela população; estava vinculada ao conhecimento intelectual. Hoje, a educação é um direito de todos e uma importante condição para possibilitar qualidade de vida por meio de qualificação para o mercado de trabalho.

Discuta com a turma sobre isso: os jovens estão fazendo do estudo caminho para um futuro melhor? Pensam em continuar os estudos para conquistar uma profissão? Pretendem fazer uma universidade, uma pós-graduação? Existem, hoje, muitas novas oportunidades para o estudante que deseja dar continuidade aos estudos, mesmo que já tenha encontrado um lugar no mercado de trabalho.

4º Passo: Os alunos receberão cada um, uma folha A4, e a utilizarão como se fosse um pergaminho. Escreverão seus planos futuros com relação à formação intelectual e ilustrarão a folha com iluminuras, sejam miniaturas (podem ser figuras recortadas de jornais e revistas), letras iniciais (seria interessante que no início da folha os alunos colocassem seus nomes com a letra inicial ilustrada) ou margens. O professor poderá, posteriormente, juntar todas as folhas em ordem alfabética e encadernar ou grampear os manuscritos dos alunos. Decida coletivamente o título para o livro e deixe-o em exposição na sala de aula, para que os demais professores da turma conheçam os anseios dos seus alunos e os incentive. Como nos manuscritos medievais, o livro é um dos principais depositários do conhecimento.

---

## Aspectos Pedagógicos

Na Idade Média, os artistas pintavam de acordo com as convenções estabelecidas; não eram feitos retratos com base na observação da realidade; desenhavam uma figura convencional dando-lhe as insígnias de seu cargo, por exemplo: coroa e cetro para representar o rei, mitra (cobertura de cabeça usada em cerimônias pelo papa, bispos, arcebispos e cardeais) e báculo (bastão de extremidade curva, usado por bispos) para o bispo. A representação de um apóstolo ou da Santa Virgem também era padronizada. A opção para a decoração foi a pintura e o mosaico (cubos de pedra ou vidro que produzem sentido, quando combinados em um desenho) nas paredes com episódios bíblicos, pois a Igreja considerava as pinturas úteis para recordar os ensinamentos e manter viva a memória cristã.

O Papa Gregório Magno (final do século VI) dizia que “a pintura pode fazer pelos analfabetos o que a escrita faz pelos que sabem ler”, uma vez que a Igreja era composta por muitos fiéis que não sabiam ler. Isso foi muito importante para a história da arte, pois, através das imagens temos muitos registros dessa época. Até então, os artistas não estavam interessados em adquirir fama; atribuíam as honrarias à catedral ou basílica para qual tinham trabalhado.

Um pintor revolucionário, Giotto di Bondone, passou a assinar suas obras (geralmente, “afrescos”, um tipo de pintura mural cuja técnica é pintar sobre a parede úmida, daí esse nome) iniciando um novo capítulo. Primeiro na Itália e depois em outros países, a história da arte passou a ser também a história dos grandes artistas. O ser humano, ao passar a ser uma figura notória e com atributos pessoais de qualificação – como o artista – é um forte prenúncio do humanismo que se instalará no período histórico seguinte, o Renascimento.

## Seção 2 – Trevas x Luz: a arte entre a Idade Média e o Renascimento

Páginas no material do aluno

17 a 23

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Dançando para exorcizar o medo (Dança).	Computador com acesso ao Youtube.	Criar movimentos a partir da animação apresentada em vídeo.	Individual.	1 aula de 50 minutos.

### Aspectos operacionais

1º Passo: Tentar criar um paralelo entre os muitos filmes e séries de TV, cujos personagens principais são vampiros, lobisomens e outros seres sobrenaturais e a “Dança Macabra”, alegoria artístico-literária que ganhou grande importância na arte no final da Idade Média, sobretudo na poesia e pintura. Estas representações foram produzidas sob o impacto da Peste Negra, epidemia de peste bubônica que, no século XIV, dizimou um terço da população da Europa, despertando a consciência coletiva para noção de quão frágil é a vida e os bens terrenos, efêmeros.



Figura 3: Gravura da edição francesa do poema Dansemacabre, de Guyot Marchant (1486).

Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/74/Danzas\\_de\\_la\\_muerte.gif](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/74/Danzas_de_la_muerte.gif)

2º Passo: Mostre o vídeo de animação “Dança Macabra 2010” com a música homônima do compositor francês Camille Saint-Saëns.

Fonte: <http://youtu.be/z0gLOYQBISA>

3º Passo: Peça aos alunos que criem movimentos a partir dos observados no vídeo. Poderá ser usada a mesma música ou outra, mas os movimentos deverão ser sempre inspirados nos esqueletos. Para isto, antes, os alunos

precisarão perceber os movimentos das articulações e dos ossos que compõem a anatomia humana, reconhecendo-os no próprio corpo, bem como as possibilidades dos movimentos articulados, os quais poderão ser realizados em pé, ao lado da carteira, ou até mesmo na posição sentada, se for o caso. Se possível, o trabalho poderá ser feito em duplas, para que um dos alunos filme a improvisação do colega com o celular, para comentarem juntos em seguida.

---

## Aspectos Pedagógicos

“Dança macabra” é uma expressão artística do final da Idade Média sobre a universalidade da morte, que ganhou representações diversas: na literatura, pintura, escultura, gravura e música, mostrando que não importa o status de uma pessoa em vida, pois a morte une todos.



Figura 4: A obra Totentanz (Dança Macabra), do pintor e escultor alemão Bernt Notke (1435-1509), consiste na representação personificada da Morte, conduzindo uma fila de indivíduos de todos os estratos sociais, que dançam em direção aos próprios túmulos. Estão presentes as figuras de um Rei, um Papa, um monge, um jovem e uma bela mulher. Igreja de São Nicolau (Tallinn, Estônia).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Danse\\_macabre#mediaviewer/Ficheiro:Bernt\\_Notke\\_Danse\\_Macabre.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Danse_macabre#mediaviewer/Ficheiro:Bernt_Notke_Danse_Macabre.jpg)

Como todos os artistas românticos do século XIX, o compositor francês Camille Saint-Saëns (1835-1921) buscava atingir uma grande intensidade de emoções através da música; do mesmo modo, era também um ávido leitor de poemas e romances que inspirassem fantasia e espírito de aventura. Por isso, conhecia profundamente as obras dos grandes compositores europeus da Idade Média e Renascença, e também a música de países considerados nessa época como “exóticos”: Sri Lanka, Ceilão, Vietnã, Indochina, Egito, Brasil... Os românticos tinham fascínio pelo sonho, o luar, as paixões, os contos de fada, o mistério e o sobrenatural. DanseMacabre, obra de 1875, é um “poema sinfônico”, estilo musical criado pelo pianista húngaro Franz Liszt dentro da ideia de uma música “descritiva” – ou seja, capaz de evocar imagens na mente do ouvinte, contando uma história. Assim, a música de Saint-Saëns pretendia ser uma “imagem sonora” daquela alegoria medieval, ou em outras palavras, um relato “audiovisual” do sentimento da Morte.

## Seção 2 – Trevas x Luz: a arte entre a Idade Média e o Renascimento

Páginas no material do aluno

17 a 23

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Música para se divertir (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> ; aparelho de som ou Internet.	A partir da escuta e observação das figuras, analisar a música que era executada nas danças da Idade Média e Renascença.	Individual e grupos.	2 aulas de 50 minutos cada.

### Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente as seguintes imagens para a turma:



Figura 5: “Tocar e dançar”, de autor desconhecido, com músicos e dançarinos na Europa do século XIV.

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Medieval\\_dance#mediaviewer/File:40-svaghi,suono\\_e\\_ballo,Tacchino\\_Sanitatis,\\_Casanatense\\_4182.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Medieval_dance#mediaviewer/File:40-svaghi,suono_e_ballo,Tacchino_Sanitatis,_Casanatense_4182.jpg)

Fonte sonora: <https://musopen.org/music/916/anonymous/medieval-dance-tunes-sequence/>



Figura 6: “A dança do camponês”, de Pieter Bruegel, o Velho (1526-1569). Nos momentos de lazer, os camponeses na Renascença dançam ao som de um tocador de gaita de fole.

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Peasant\\_Dance#mediaviewer/File:Pieter\\_Bruegel\\_the\\_Elder\\_-\\_The\\_Peasant\\_Dance\\_-\\_WGA3499.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Peasant_Dance#mediaviewer/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Peasant_Dance_-_WGA3499.jpg)

2º Passo: Pergunte aos alunos, em uma conversa coletiva, o que perceberam nos músicos, nos instrumentos e nas danças observadas. Reconhecem algum dos instrumentos? E a dança? Ao ouvirem a música no áudio, sentiram vontade de dançar?

3º Passo: Peça que, ao observarem a pintura seguinte, escrevam num papel todos os sons e instrumentos observados. Quais as diferenças mais significativas? Reconhecem algum instrumento? E a dança?



Figura 7: Pintura anônima da Renascença, possivelmente do inglês Marcus Gheeraerts. Dança ao som da viola da gamba e violas.

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Renaissance\\_dance#mediaviewer/File:Robert\\_Dudley\\_Elizabeth\\_Dancing.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Renaissance_dance#mediaviewer/File:Robert_Dudley_Elizabeth_Dancing.jpg)

Fonte sonora: <https://musopen.org/music/919/maria-girbiat/greensleeves-to-a-ground/>

## Aspectos Pedagógicos

Na Idade Média, dentro das Igrejas, a música estava a serviço da oração e da contemplação. Fora delas, os jograis (artistas que ganhavam a vida divertindo o público, nos palácios ou nas praças públicas) e menestrelis (artistas da corte ou ambulantes que, a serviço de senhores, recitavam e cantavam poemas em versos, com acompanhamento instrumental) faziam o entretenimento das populações de toda a Europa. Cantavam canções, acompanhando-se com instrumentos de corda, tais como harpas (dedilhadas) e violas (tocadas com arco). Os nobres tinham em suas bibliotecas, lindos manuais sobre plantas e ciências médicas onde a dança era aconselhada, juntamente com a música, pelos seus efeitos benéficos. A pintura da Figura 5 se chama “Tocar e Dançar” e é uma das iluminuras destes manuais. A cena do baile representa um ambiente rico, com dois cavaleiros e uma dama dançando de mãos dadas, acompanhados por flauta e gaita de fole, instrumentos usados também por artistas ambulantes. Para tocar a gaita de fole, era necessário não parar de soprar, pois um dos sons é contínuo. Então, a solução foi criar uma bolsa de couro, que armazena o ar como um pulmão, que o músico manipula com o braço enquanto sopra.

Na Renascença, reis, príncipes, nobres, abades, cidades e até navios possuíam o seu próprio conjunto de músicos, que se apresentavam em cerimônias e acontecimentos sociais. No século XVI, surgiram canções com ovas estruturas, cantadas a duas ou mais vozes e bem mais desenvolvidas que as dos músicos ambulantes. O instrumento predileto desse século foi o alaúde, usado para acompanhar as canções e as danças. Acontecimentos importantes como casamentos, festividades religiosas, visitas de príncipes eram ocasiões para espetáculos teatrais e bailes, nos quais damas e cavaleiros exibiam sua arte de dançar. A música sacra, sob a influência da música popular, foi-se tornando profana, e chegou a tal ponto que o “Gloria”, o “Kyrie”, o “Credo” e o “Agnus” (cantos religiosos da Igreja Católica Romana), eram cantados com música de dança, tal como se observa hoje em algumas igrejas cristãs.

### Seção 2 – Trevas x Luz: a arte entre a Idade Média e o Renascimento

Páginas no material do aluno

17 a 23

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Teatro: uma magia sem mistérios (Teatro).	Imagens apresentadas no <i>Datashow</i> .	Debate a partir da apreciação crítica e análise comparativa de dois estilos teatrais surgidos no Renascimento.	Não há.	1 aula de 50 minutos.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Com a ajuda de um projetor, apresente as seguintes imagens a seus alunos:



Figura 8: Globe Theatre, apelidado The Globe pelos londrinos, é o teatro que Shakespeare administrou durante a chamada “Era de Ouro” do reinado de Elizabeth I (1503-1603). Por ocasião de sua reconstrução em 1997, coube ao grupo de teatro de rua Galpão a honra de inaugurá-lo com a apresentação de Romeu e Julieta, versão cômico-popular do clássico que combina elementos do circo e da cultura regional mineira.

Fonte: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=107&evento=4>

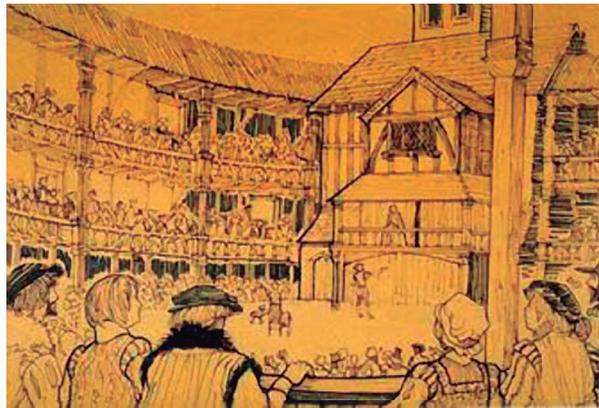


Figura 9: Gravura de um teatro elisabetano durante apresentação. Observe que a estrutura é a céu aberto, de modo que as peças eram apresentadas somente no verão, durante o dia. Outro aspecto importante é que, enquanto o drama renascentista italiano era uma arte elitista, o teatro elisabetano era acessível a todas as classes sociais. Às representações compareciam príncipes e camponeses, homens, mulheres e crianças, porque o ingresso estava ao alcance de todos, ainda que com preços distintos.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_elisabetano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_elisabetano)



Figura 10: Pintura de Izumo no Okuni, fundadora do Kabuki (cerca de 1600).



Figura 11: ShibaiUkie ("A cena de um jogo"), quadro do artista japonês Masanobu Okumura (1686-1764), retratando o teatro Ichimura-Zada cidade de Edo, onde a arte do kabuki foi muito praticada no século XVII.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kabuki>

2º Passo: Enquanto apresenta as imagens à turma, promova um debate sobre estes dois tipos de teatro, que se desenvolveram no mesmo período histórico. Que fatores teriam condicionado tais semelhanças e diferenças?

---

## Aspectos Pedagógicos

Considera-se que a Idade Média compreende um período de mil anos, de 476 a 1453. Já o Renascimento, ou Renascença, se refere ao período de ruptura com as estruturas medievais durante o qual a Europa viveu profundas transformações em algumas áreas da vida humana, sobretudo nas artes, filosofia e ciências, fazendo a transição para o que conhecemos como Idade Moderna.

O dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616) é, provavelmente, a figura mais conhecida do teatro desse período, pois suas peças já foram encenadas por todo o globo. Além disso, até hoje são readaptadas para a televisão, cinema e literatura. Entre suas obras mais importantes estão *Romeu e Julieta* – história de amor impossível – e *Hamlet*, que disse a conhecida frase: – “Ser ou não ser, eis a questão”. Enquanto “o Bardo” (seu apelido) arrebatava o público de Londres com suas comédias (*Sonho de uma noite de verão*, *A megera domada*), tragédias (*Rei Lear*, *Macbeth*) e dramas históricos (*Ricardo III*, *Henrique VIII*), do outro lado do planeta, nascia o kabuki, forma de teatro japonês que poderia ser traduzida como “a arte de cantar e dançar”.

A história do kabuki começou em 1603 quando Okuni, uma sacerdotisa xintoísta do Grande Santuário Izumo-Taisha, em Kyoto, criou um novo estilo de dança dramática. Logo, outras jovens uniram-se a ela na representação de papéis - tanto masculinos quanto femininos – em encenações cômicas sobre a vida cotidiana. O estilo conquistou popularidade instantânea; e Okuni passou a se apresentar na Corte Imperial. Designadas de onna-kabuki, as “mulheres do kabuki” foram proibidas de atuar em 1628 por serem consideradas demasiado “avançadas” para os rígidos padrões morais da sociedade feudal japonesa. Em 1647, as japonesas desapareceram definitivamente dos palcos. Embora o kabuki tenha permanecido popular até aos tempos atuais, ainda hoje é representado prioritariamente por homens.

Nesse estilo, as trocas de cenário são feitas no meio do espetáculo, com os atores em cena e à vista do público. Auxiliares correm pelo palco colocando e tirando peças de cenário; os kuroko, como são chamados, vestem-se sempre de preto e são tradicionalmente considerados invisíveis. Alguns desses procedimentos foram adotados por encenadores europeus que, no século XX, quiseram revolucionar o teatro, como Antonin Artaud, Bertolt Brecht e Jerzy Grotowski. Em 2008, o kabuki foi considerado “Obra-prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade” pela UNESCO.

### Seção 3 – As expressões da Modernidade

Páginas no material do aluno

23 a 28

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Djanira: lazer e labor. (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A obra de Djanira é um forte exemplo de como o artista do século XX pensou nosso país. A atividade propõe fazer uma releitura com os temas e as cores do Brasil.	Grupos de três alunos.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente as imagens para turma:



Figura 1: Festa de São João, de Djanira. Óleo sobre tela.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/secultba/8869661984/in/photolist-9p4a1L-9p45u9-9p48uj-8DGc6L-8DD51H-9svnPe-eqmDNu-eqmDNd-8trZ3B-7Qi4gM-evMkuC-7Qmjtf-7MNMdZ-7Qirea-7QkQBS-7QmyvN-7QmnSs-7QioU8-7QkHRs-7QkPtL>



Figura 2: Futebol Fla-Flu, Djanira(1975). Acervo: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/blogplanalto/5020440369/lightbox/>

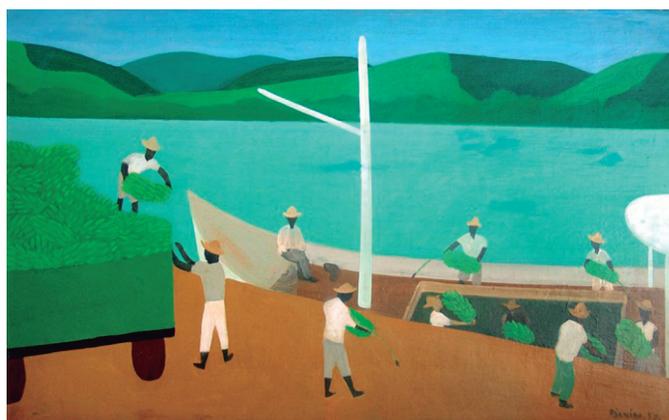


Figura 3: Embarque de bananas, Djanira. Óleo sobre tela. Propriedade da Prefeitura Municipal de Avaré – SP.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Djanira\\_da\\_Motta\\_e\\_Silva#mediaviewer/Ficheiro:Embarque\\_bananas\\_-\\_Djanira\\_REFON.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Djanira_da_Motta_e_Silva#mediaviewer/Ficheiro:Embarque_bananas_-_Djanira_REFON.jpg)

2º Passo: Antes de apresentar a artista para a turma, pergunte aos alunos, em uma conversa coletiva, qual seria a sua nacionalidade. Ajude-os a perceberem que os temas e as cores dos quadros fornecem as respostas.

3º Passo: Apresente a artista para a turma:

A obra de Djanira da Motta e Silva (1914-1979) se localiza entre a produção dos artistas fiéis a uma das mais significativas vertentes do modernismo brasileiro: aquela que une a composição vanguardista geométrica à figuração compromissada com a construção de uma identidade nacional, por meio do retrato e da análise da paisagem, do homem e do imaginário brasileiros. Suas composições ricamente coloridas descrevem e registram inúmeros aspectos da cultura nacional, como o universo do trabalho e do trabalhador, festas e brincadeiras populares, a diversidade e sincretismo da religiosidade do país.

4º Passo: Divida a turma em grupos de três alunos e proponha que escolham uma das imagens apresentadas (a 1ª com o tema da “festa típica”, a 2ª com o tema “futebol, paixão nacional” e a 3ª tendo o trabalho como tema). A partir do quadro escolhido, desenvolver uma releitura da obra, tendo a imagem em si como influência, ou somente a temática. Poderá ser em papel A4 ou outro suporte de escolha do professor; lápis de cor, tintas ou canetas coloridas. Reforce sempre a exuberância da cor na obra de Djanira.

5º Passo: Expor as produções separadas de acordo com a imagem escolhida para que os grupos percebam que “releitura” não é cópia, pois irão se deparar com trabalhos muito diferentes a partir da mesma obra de Djanira.

---

## Aspectos Pedagógicos

Mais um pouco de informações sobre a artista:

A obra de Djanira surgiu num contexto de autodidatismo e de pouco estudo oficial, o que levou muitas vezes sua produção rigorosamente elaborada a ser associada à tradição da pintura primitiva. Mas, a pintora foi uma artista notável pela competência no desenvolvimento de sua própria linguagem artística, de forma que amadureceu nas aulas de pintura com Emeric Marcier, pintor e muralista, romeno radicado no Brasil, onde dava aulas de pintura. Djanira amadureceu sua arte no convívio com pintores e críticos de arte, em cursos noturnos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, nos embates dos salões de pintura e na temporada de estudos e contatos com artistas de renome, em Nova York.

Artista eticamente comprometida com seus temas, procurava conhecer de perto aquilo que retratava, o que é provado por suas experiências e visitas a aldeias indígenas e minas de carvão, que, por sua vez, representam sua escolha pelo registro da realidade, ainda que estilizada por seu talento colorístico-geométrico. A proposta de trabalhar com a artista brasileira Djanira tem o intuito de levar a uma reflexão sobre os anseios dos artistas brasileiros que, no início do século XX, almejavam imprimir nas artes uma expressividade autenticamente brasileira – algo que a artista fez magistralmente.

O modernismo no Brasil pretendia romper com o tradicionalismo cultural associado às correntes literárias e artísticas anteriores: o parnasianismo, o simbolismo e a arte acadêmica. A defesa de um novo ponto de vista estético e o compromisso com a independência cultural do país fizeram o modernismo associar-se diretamente à Semana de Arte Moderna de 1922: Heitor Villa-Lobos na música; Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na literatura; Victor Brecheret, na escultura; Anita Malfatti e Di Cavalcanti, na pintura, são alguns dos participantes que tiveram forte interesse pelas questões nacionais, que ganham destaque a partir da década de 1930.

Apesar da força literária do grupo modernista, as artes plásticas estão na base do movimento: a pincelada livre, o trato da luz sem o convencional claro-escuro, o traço simples e estilizado da caricatura, os contrastes cromáticos e temas nacionais e paisagens nativas, a imagem da máquina como ícone da sociedade industrial e moderna, a atmosfera surrealista, são alguns aspectos das obras desse período. À pesquisa de temas nacionais e ao forte acento social e político dos trabalhos de Cândido Portinari associam-se o cubismo de Picasso, o muralismo mexicano e a Escola de Paris.

## Seção 3 – As expressões da Modernidade

Páginas no material do aluno

23 a 28

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Não é fácil ser moderno (Dança).	Computador com acesso ao Youtube.	Estimular os alunos a criar imagens para a música de Stravinsky, "Sagração da Primavera".	Grupos de 4 alunos.	1 aula de 50 minutos.

### Aspectos operacionais

1º Passo: Apresentar a estreia do ballet "Sagração da Primavera", com música de Stravinsky, coreografia de Nijinsky, produzido por Sergei Diaghilev para a sua companhia de Ballets Russes, e estreado no Teatro dos Campos Elísios de Paris em 29 de maio de 1913. A reação da plateia foi de total desagrado, sendo necessária a intervenção da polícia. Este trecho foi retirado do filme "Coco Chanel e Igor Stravinsky":

Fonte: <http://youtu.be/grFJDynzvzo>

2º Passo: Exibir os vídeos a seguir, onde imagens da animação "Fantasia" (1940) de Walt Disney estão associadas à mesma música, adotando porém, outra configuração:

Parte 1 – A criação da terra:

<http://www.youtube.com/watch?v=oOB5tibr20k>

Parte 2 – A era dos dinossauros (trecho):

<http://www.youtube.com/watch?v=gwSi1PxI5mk>

Parte 3 – A extinção dos dinossauros:

[http://www.youtube.com/watch?v=3-YjP\\_1PGoU](http://www.youtube.com/watch?v=3-YjP_1PGoU)

3º Passo: Pedir aos alunos que escolham, na Internet, cinco imagens de bailarinos para ilustrar a mesma música, explicando que, no caso, o uso dela é "descritivo": tem por objetivo evocar ideias ou imagens na mente do ouvinte, representando musicalmente uma cena, uma imagem ou um estado de ânimo. Os sites das imagens serão compartilhados entre os alunos da turma, para fazerem comparações e reflexões sobre os exemplos selecionados.

## Aspectos Pedagógicos

Todo mundo deseja mudar as coisas, quebrar as regras. Mas isso nem sempre é fácil. Ser “moderno”, por vezes, implica em enfrentar preconceitos, e isto cria muitos problemas. Foi isso o que aconteceu com o grande compositor russo Igor Stravinsky. O seu trabalho teve um enorme impacto revolucionário na sensibilidade musical europeia, antes e depois da Primeira Guerra Mundial.

Sua fama internacional veio com a montagem do ballet *Sagração da Primavera*, cuja coreografia foi criada pelo célebre bailarino russo Vaslav Nijinsky e apresentada em Paris, em 1913. Nijinsky era ousado e original, e hoje é atribuído a ele o início da dança moderna. Uma de suas coreografias mais polêmicas - *L'Après-Midi d'un Faune* – sobre a música de Claude Debussy, fora vaiada em sua estreia, no ano anterior. Mas o escândalo que *Sagração da Primavera* causou na conservadora sociedade parisiense foi bem maior, responsável pela reputação de Stravinsky e Nijinsky como artistas revolucionários que extrapolaram os limites do espetáculo, transformando definitivamente as artes no século XX.

### Seção 3 – As expressões da Modernidade

Páginas no material do aluno

23 a 28

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Flutuando num mar de sons (Música).	Aparelho de som ou computador para áudio, imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	A partir da observação, escuta e pesquisa, refletir sobre o impressionismo, importante movimento artístico do início do século XX.	Não há.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos Operacionais

Depois da Renascença, como todas as artes, a música passa por vários momentos: barroco, clássico, romântico. As cidades crescem, assim como os espaços para os concertos. Surgem as grandes orquestras, os instrumentos se aperfeiçoam, a música ocidental segue o sistema tonal (uma nota que dá origem ao tom) e, no século XX, toda a arte ocidental passa por turbulências, desconstruções e experimentações.

1º Passo: Peça aos alunos que tentem descrever o que é o mar para uma pessoa que nunca o viu. Podem escrever um papel ou apenas relatar.

2º Passo: Coloque a música *O mar* (1905), de Claude Debussy, que tenta passar a “impressão” do mar em sua música. Este trecho da peça tem o nome de *Jogo das ondas*. Será que eles perceberam a impressão de Debussy sobre as ondas?



**Figura 4: Claude Debussy (1862 – 1918) inovou a música ocidental ao romper com as estruturas musicais tradicionais, criando melodias “fluidas” e sem contornos precisos, tal como os pintores impressionistas buscavam na mesma época. A foto apresenta o compositor francês no verão de 1893, na casa de seu amigo Ernest Chausson.**

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude\\_Debussy#mediaviewer/Ficheiro:Debussy\\_1893.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude_Debussy#mediaviewer/Ficheiro:Debussy_1893.jpg)

Áudio: <https://musopen.org/music/451/claude-debussy/la-mer/>

3º Passo: Peça que escutem a música de Henrique Oswald, Romance, e descrevam suas impressões sobre ela. Se possível, coloque depois o vídeo para perceberem se o que descreveram se parece com a imagem dos músicos, com instrumentos e expressões corporais de cada um.



**Figura 5: Henrique Oswald (1852 – 1931), pianista, compositor, concertista e diplomata brasileiro, sofreu a influência do impressionismo de Debussy em sua obra.**

Fonte: <http://www.oswald.com.br/site2010/album.htm>

Vídeo: <http://www.musicabrasilis.org.br/pt-br/videos/henrique-oswald-romance-opus-27>

## Aspectos Pedagógicos

O *Mar* de Debussy não transmite a verdadeira essência do mar, mas aquilo que sentimos quando olhamos para ele, sentimos seu cheiro, todos os seus sons desde quando está calmo até a sua ressaca mais furiosa. A peça aqui estudada é composta por três momentos, e o exemplo mostra o segundo: “O Jogo das Ondas”, uma brincadeira com a água e espumas. Talvez os alunos tenham a mesma dificuldade do compositor ao passar suas impressões para o papel, ao ouvir a música. Esta obra “marítima” é o que se considera como uma obra musical impressionista, isto é, não conta nenhuma história, não é uma descrição realista, mas uma sensação, um movimento. Debussy estava sempre à procura de novas sonoridades e se sentia atraído pela música de outros lugares, como a Espanha ou o Oriente, a Grécia Antiga ou mesmo o jazz dos Estados Unidos.

Foi esta a ideia, surgida no meio artístico francês no início do século XX, de que, em arte, é possível produzir um efeito profundo, somente pela sugestão. Para os impressionistas, a verdadeira função da música não é “descrever” seja o que for, mas apenas estimular, proporcionar prazer, inspirar a imaginação apenas pelas notas musicais. A música impressionista é quase sempre sobre alguma coisa: uma paisagem, um poema, um quadro – ideia que, entretanto, começou com os pintores franceses.

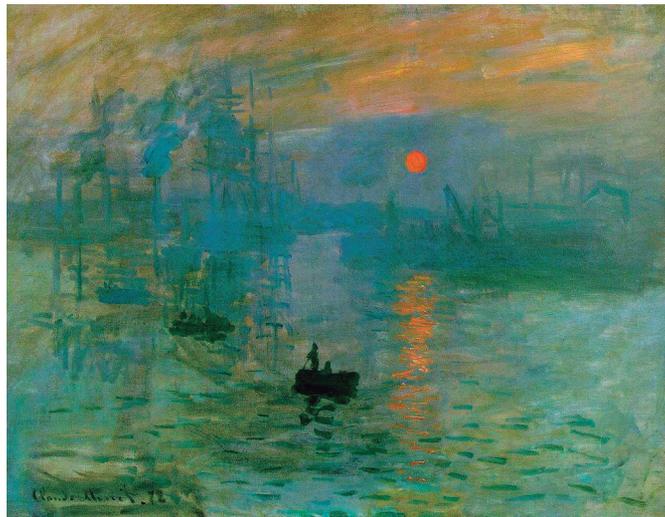


Figura 6: Você já viu um quadro que parece confuso, que não é exatamente o que está pretendendo ser, como as imagens borradas que vemos num sonho? Isso é uma “impressão”. O quadro *Impressão, nascer do sol*, de Claude Monet (1840-1926), é a pintura que deu nome ao movimento impressionista.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude\\_Monet#mediaviewer/Ficheiro:Claude\\_Monet,\\_Impression,\\_soleil\\_levant,\\_1872.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude_Monet#mediaviewer/Ficheiro:Claude_Monet,_Impression,_soleil_levant,_1872.jpg)

Henrique Oswald, que compôs *Romance*, era contemporâneo de Debussy. Então, não precisamos explicar mais nada, já dá para entender o quanto a sua obra tem de impressionista! Estimule seus alunos a ouvirem sem tentar captar um sentido objetivo; que apenas sigam seus instintos e exponham suas impressões! Desse modo, eles poderão compreender, por sua própria experiência que o início do século XX trouxe uma nova sonoridade, um novo colorido para a música ocidental.

## Seção 3 – As expressões da Modernidade

Páginas no material do aluno

23 a 28

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O Império do Riso (Teatro).	Imagens projetadas em <i>Datashow</i> .	A atividade propõe a elaboração de roteiro de espetáculo, utilizando elementos cênicos de gêneros humorísticos.	Grupos de 6 a 8 alunos.	2 aulas de 50 minutos cada.

Você já ouviu falar de opereta, teatro burlesco, teatro de revista (ou revista), *féerie* (ou mágica), *extravaganza*, teatro musicado, *vaudeville*, *cabaret*? Estamos falando do show business do século XIX!

### Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente as seguintes imagens, para que seus alunos observem e comentem. Aspectos a serem considerados: temas; elementos de cena (cenários, figurinos, etc); musicalidade; atores/atrizes; plateia; participação do público. Estimule seus alunos a estabelecerem relações entre estas expressões artísticas e outras mais recentes, que conhecem por meio da TV, cinema etc. Peça que façam uma listagem de programas, filmes, novelas e propagandas, onde é possível reconhecer a presença de elementos de humor, e crítica, como a paródia de personagens ilustres, o exagero e a malícia.



Figura 7: A caricatura de Émile Bayard, *Les Bouffes-Parisiens* mostra o comportamento festivo e agitado do público, durante uma opereta “bufa” em Paris. Observe a presença de um personagem bizarro entre os espectadores.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Operetta>



Figura 8: Ilustração do The Oxford Music Hall (1875), na qual se destaca a plateia de espectadores sendo servidos como num bar, durante a apresentação que se desenvolve no palco.

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Music\\_hall](http://en.wikipedia.org/wiki/Music_hall)



Figura 9: Cartaz promocional da Casa de Espetáculos “Bon-TonBurlesquers” (1898).O burlesco surgiu como um estilo literário criado para ridicularizar os literatos “sérios”, na primeira metade do século XIX. Logo chegou aos palcos, utilizando a paródia e o exagero de recursos cênicos.

Fonte: <http://es.wikipedia.org/wiki/Burlesque>



Figura 10: A propaganda do show “As belas donzelas indígenas” (1899) revela como nos EUA o burlesco foi adaptado ao contexto do país, com atrizes em cenas eróticas para atrair o público masculino, criando assim uma nova – e questionável – estratégia de comercialização.



Figura 11: A “extravagância” foi uma forma de teatro popular muito apreciado pelas elites britânicas, na segunda metade do século XIX. Pela coreografia das bailarinas, percebe-se a influência do Can-Can, dança típica do cabaré francês.

Fonte: <http://es.wikipedia.org/wiki/Burlesque>

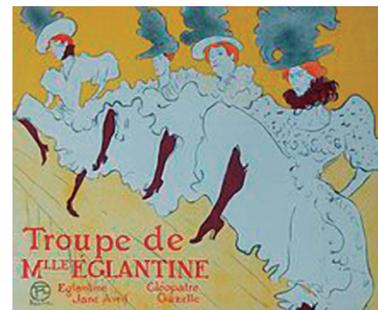


Figura 12: Troupe de MlleEglantine (1895/1896), obra de Henri de Toulouse Lautrec. O pintor francês, cliente habitual dos cabarets parisienses, é autor de vários quadros sobre o tema.

Fonte: <http://es.wikipedia.org/wiki/Canc%C3%A1n>

2º Passo: Organize a turma em grupos para a elaboração de uma apresentação livre que contenha elementos dos gêneros teatrais abordados na fase anterior. O trabalho deve iniciar pela escolha de um tema central, selecionado a partir de um fato relevante para a turma, a comunidade escolar ou mesmo de caráter mais amplo. Todos deverão buscar (na memória, por pesquisa virtual etc) e coletar materiais diversos, relacionados ao tema: músicas; fotos; filmes; novelas; piadas; programas de TV e outros.

3º Passo: Elaborar um roteiro de ações com os materiais coletados anteriormente, de modo que o tema seja apresentado com humor e espírito crítico, levando-se em conta a necessidade de funções cênicas como: apresentador/narrador; músico(s); atores; bailarinos e outros artistas. O trabalho deverá receber um título inédito, também criado pelo grupo.

4º Passo: Os roteiros de ações serão apresentados em sala de aula, com os recursos disponíveis (apresentação oral; quadro; imagens projetadas no *Datashow*; computador; ilustrações em papel; CD player etc.), de modo que a turma possa contribuir com novas ideias a cada roteiro. Os trabalhos poderão ser utilizados como base para um projeto de maior alcance, a ser realizado posteriormente.

---

## Aspectos Pedagógicos

O humor sempre esteve presente no teatro. Sabe-se que, nos festivais da Grécia Antiga – as Grandes Dionisíacas –, eram apresentadas comédias entre as tragédias. Os dramaturgos não poupavam nem os ilustres cidadãos de Atenas, nem os heróis, e nem mesmo os deuses. O mais famoso, Aristófanes (447- 386 a.C.), escrevia diálogos inteligentes e de duplo sentido, muitas vezes em linguagem obscena. Na Renascença, as companhias itinerantes da *Commediadell'Arte* viajavam pela Europa improvisando comédias populares em que os personagens-tipo – o médico, o patrão, o advogado, o juiz, o padre – eram sempre ludibriados pelo Arlequim, representante do povo.

O erro humano está na raiz do riso; por isso, o alvo predileto do humor no teatro foi, em todas as épocas, tudo o que é considerado nobre, erudito, poderoso, puro ou sério. O ridículo nos obriga a lembrar de nossa própria fragilidade – física e moral – por isso rimos: da desgraça alheia, ou de nós mesmos! No teatro, o humor se instalou na comédia – o “canto da comunidade” - como forma de crítica à sociedade e suas estruturas. Desse modo, ao longo do tempo, surgiram inúmeras formas cênicas e personagens que traduzem essa necessidade fundamental do humor e do riso: o palhaço; o anti-herói que vive à margem dos bons costumes; o falso puritano; e tantos outros.

No Brasil, os gêneros cômicos que mais se desenvolveram foram a Opereta, a Revista, a *Féerie* (Mágica) francesa e a Burlata. A primeira ocupou, na segunda metade do século XIX, os palcos cariocas onde comediantes brasileiros satirizavam as grandes óperas. Surgem assim, operetas como *Orfeu na roça* (1868), de Francisco Correia Vasques, ou *A filha de Maria Angu* (1876), de Artur Azevedo, paródias de óperas francesas que são, hoje, reconhecidas como verdadeiras “pérolas” da dramaturgia nacional.

Outro gênero muito apreciado de teatro “comercial” da época foi a Revista, na qual eram criticados os costumes locais, passando “em revista” todos os acontecimentos importantes do ano. Nela, sobressaíam o escândalo, as caricaturas e piadas sobre personagens políticos, além de um rico aparato cênico, conectados pela atuação fundamental do mestre-de-cerimônia – misto de apresentador e narrador. Já na *Mágica*, predominava a ação fantástica, ligada ao sobrenatural. Com o surgimento do cinema no início do século XX, porém, o gênero praticamente migrou para as telas, deixando o palco para as expressões cênicas em que o contato direto com o público era mais importante que as inovações tecnológicas.



Figura 13: Cena de teatro no interior. Desenho em guache e aquarela sobre papel, de Gianni Ratto, para a montagem de O mambembe com o Teatro dos Sete no Rio de Janeiro.

Fonte: <http://letraselivros.wordpress.com/2012/11/29/o-teatro-musicado-no-brasil-artur-azevedo/>

A Burleta era uma peça cômica que combinava elementos de todas as outras mantendo, porém, uma estrutura mais textual e menos musical. O mambembe (1904), também de Artur Azevedo, é o retrato poético da luta diária dos artistas teatrais contra o preconceito e o conservadorismo do país em relação à profissão.

Podemos reconhecer, nos programas e filmes humorísticos que assistimos hoje, na televisão, a todos os elementos e aspectos da comédia teatral.

## Seção 4 – Da arte de “ficção” à arte da “vida real”

Páginas no material do aluno

29 a 34

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Pop Art, o cotidiano na arte (Artes Visuais).	Imagem impressa ou exibida com <i>Datashow</i> .	A arte muda porque o mundo muda. A Pop Art ajudará a refletir sobre isso.	Individual e coletiva.	2 aulas de 50 minutos cada.

---

## Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente a imagem a seguir para a turma e responda às perguntas que aparecerem espontaneamente, apenas para que entendam o que estão vendo, no sentido descritivo. Faça a eles a pergunta que o professor de arte está acostumado a ouvir: Isso é arte?



**Figura1: Campbell's Soup Cans, de Andy Warhol(1962). São 32 pinturas emolduradas de sopas enlatadas da marca “Campbell” com 32 sabores diferentes, enfileiradas e sobrepostas como se estivessem no supermercado. Agora, estão no museu para serem consumidas somente como imagens.**

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/ficken/2103465159/sizes/m/in/photostream/>

2º Passo: A partir das respostas dos alunos (a questão “Isto é arte?”), explique a eles sobre o espírito fundamental da Pop Art.

Andy Warhol (1928 - 1987) era apenas um bem sucedido designer comercial que trabalhava com publicidade e criação de sedutoras vitrines de loja. Olhava “de fora” para a arte até que, em 1960, criou uma obra que retratava uma garrafa de Coca-Cola em uma abordagem diferente e inovadora: enquanto outros artistas tinham usado a marca e a garrafa como parte de uma ilustração propagandística, Warhol fez dela o seu único motivo. Andy Warhol tomou imagens tão apreciadas que já tinham apelo de massa – e assim ele seria tão chamativo e atrevido quanto os anúncios e produtos que o cercavam em Manhattan, nos Estados Unidos. E a obra composta por 32 pinturas de lata de sopa tornou-se uma das obras de arte mais famosas do século XX!

3º Passo: Proponha à turma que escolha coletivamente um objeto de consumo de todos, e o desenhe no centro da metade de uma folha A4 na vertical ou cole uma imagem de revista ou jornal. Monte a exposição das produções da turma da maneira como Warhol posicionou as pinturas de latas de sopa e observe o resultado. Estimule o debate sobre a arte ser mais próxima do cotidiano do que pensamos – este é o “espírito” da arte contemporânea, que se inspira na própria vida comum, do dia a dia.

---

## Aspectos pedagógicos

(...) “a partir do século XX, elimina-se cada vez mais a distância entre público e peça, assim como se questiona a passividade com que nós normalmente consideramos as coisas. Em um mundo tão complexo quanto o nosso – sobretudo, depois da Primeira e da Segunda Guerra Mundial – não poderíamos mais ser meros espectadores, passivos e indiferentes. Agora, o tempo todo o mundo nos requisita participação, decisão, escolha, negação, aceitação. O teatro precisava mudar, porque o mundo mudou!”

O parágrafo anterior é uma transcrição da Seção 4 e se refere ao teatro. A partir dessa afirmação, podemos pensar as artes visuais colocando-as na mesma época e na mesma situação. *As artes visuais precisavam mudar, porque o mundo mudou!* A passividade e a distância imaginária ou mesmo demarcada por delimitações no chão dos museus diante das obras de arte foram gradativamente sendo substituídas pelas experiências sensoriais e táteis, a obra de arte se transformou em objeto de arte. Duas palavras, obra e objeto, a primeira parece afastar o observador e a segunda o convida para aproximar-se, não como observador, mas como participante. A transgressão dessa relação entre obra de arte e observador se dá de várias maneiras, pode-se pensar: Quem tem acesso à arte? Para quem ela é feita? As respostas para estas perguntas são mutantes, dependerá de onde virá, e o período histórico comandará o discurso.

O espírito fundamental da Pop Art é um rico exemplo para perceber como a arte muda - porque o mundo muda. Ela aproximou o popular e o erudito, as imagens comerciais de publicidade e as pinturas. Disseminou a ideia de que “alta” e “baixa” cultura são uma só e mesma coisa, que imagens de revista e garrafas de bebida são tão válidas como formas de arte para criticar a sociedade quanto as pinturas a óleo e as esculturas de bronze adquiridas e expostas pelos museus. A intenção da Pop Art foi borrar a linha entre uma coisa e outra.

## Seção 4 – Da arte de “ficção” à arte da “vida real”

Páginas no material do aluno

29 a 34

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Teatro + Dança: uma mistura legal! (Dança).	Lápis e papel; aparelho de som e CDs; músicas gravadas no celular.	A proposta da atividade é experimentar possibilidades entre a dança e o teatro.	Grupos de 4 a 6 alunos.	1 aula de 50 minutos.

## Aspectos operacionais

1º Passo: Em 2010, a bailarina Denise Stutz e o diretor Felipe Ribeiro se uniram para criar o espetáculo “Espalha pra geral!”. O objetivo da montagem foi modificar a situação costumeira, e tirar os espectadores – no caso, crianças – de um lugar contemplativo, convidá-las para participar da obra por meio de jogos, tecnologia e dança. Essa concepção parte da ideia de que os jogos são um ponto em comum entre a infância e a dança. Na peça, eles partem de nossas próprias memórias (infantis), mas somente para constatar como determinadas brincadeiras perpassam gerações, um grande número de outras são permanentemente criadas. A participação do público é tão importante na composição de “Espalha pra geral!” que sua última cena é um convite para que toda a plateia dance o jogo de videogame “DDR” (“Dance Dance Revolution”), criado pelos intérpretes especialmente para o espetáculo.

Fonte: <http://youtu.be/QSjLoISUWxA>

2º Passo: Com a turma dividida em grupos de 4 a 6 alunos, chame a atenção para as possibilidades de espetáculo a partir da mistura da dança com o teatro, e sugira que os alunos escolham uma história conhecida. Pode ser até um conto de fadas, como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela ou outra qualquer que todos conheçam. Em seguida, peça a cada grupo que crie um roteiro bem simples, com três ou quatro cenas no máximo. Se houver diálogos, deverão ser bem simples. Uma música (improvisada ou captada pelo celular) deverá ser escolhida para apresentar as cenas, ora com diálogos, ora com música e movimentos.

Exemplo: Chapeuzinho sai dançando com a cestinha. (Soa uma música); encontra o Lobo e conversa com ele... (diálogo); etc.

3º Passo: Cada grupo deverá apresentar à turma a cena que criou no momento anterior.

## Aspectos Pedagógicos

As artes cênicas assistem, a partir da década de 1960, ao surgimento de uma tendência de mistura entre literatura, teatro, música, dança e artes plásticas. O resultado desses processos híbridos será o redimensionamento da noção de “representação”, que trabalha agora com mestiçagens e cruzamentos entre linguagens artísticas distintas, sem fronteiras demarcadas: o importante é o processo. Levar o aluno a experimentar esse tipo de criação será uma grande experiência de compreensão da arte na contemporaneidade.

### Seção 4 – Da arte de “ficção” à arte da “vida real”

Páginas no material do aluno

29 a 34

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A música dos objetos (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>datashow</i> .	Reflexões sobre o aproveitamento do uso de objetos sonoros do cotidiano.	Individual e coletiva.	2 aulas de 50 minutos cada.

## Aspectos operacionais

1º Passo: Com a turma dividida em grupos, peça para que escrevam: para que servem a vassoura, a cuia, o cano, a água e a lata?

2º Passo: Coloque a faixa da música Fauna Universal, do compositor Hermeto Pascoal, e peça que o grupo escute de olhos fechados. Depois, respondam: que instrumento faz o solo? O que está interferindo na voz?



Figura 2: Hermeto Pascoal, compositor, arranjador e instrumentista de Alagoas, chamado “o bruxo dos sons”; é hoje uma referência do jazz contemporâneo internacional, pela fusão desse gênero com ritmos e instrumentos musicais brasileiros.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermeto\\_Pascoal#mediaviewer/Ficheiro:Hermeto\\_Pascoal\\_2.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermeto_Pascoal#mediaviewer/Ficheiro:Hermeto_Pascoal_2.jpg)

Áudio: <http://www.hermetopascoal.com.br/downloads.asp#>

3º Passo: Peça que os alunos façam uma lista de todas as coisas que podemos fazer com uma bola. Listem quantas atividades pensaram. Em seguida, passe o vídeo do grupo inglês Stomp criando música com bolas de basquete, e façam um grande debate: Isso é música ou não?

Vídeo: <http://www.stomponline.com/performers.html>

---

## Aspectos Pedagógicos

A ideia do “contemporâneo” é fazer arte com o que se tem no dia a dia. Trazemos, como exemplos dessa concepção na música, um grande compositor brasileiro, reconhecido no mundo todo, e um grupo inglês, cuja criação musical se dá a partir de materiais sonoros do cotidiano.

Os sons da Natureza fascinaram Hermeto Pascoal desde pequeno. Tudo, para ele, virava instrumento musical: um cano de mamona de jerimum (abóbora) podia ser um pífano; a água da lagoa de sua infância; o material do seu avô ferreiro, pendurado num varal. Ainda criança, passou a tocar a sanfona e o pandeiro em forrós e festas de casamento. Mudou-se para Recife em 1950, onde iniciou sua carreira profissional com a ajuda de Sivuca, sanfoneiro paraibano que já fazia sucesso. Morou em várias cidades brasileiras e trabalhou com músicos de todo o país; a partir dos anos de 1970, iniciou carreira internacional, gravando com músicos norte-americanos famosos como Miles Davis e outras “feras” do jazz.

Stomp é o nome de um famoso grupo de percussionistas que reúne artistas de várias nacionalidades e se apresenta pelo mundo todo. Realizam performances, produzindo sons e ritmos com sucatas e objetos diversos: plásticos, metais, madeiras, baldes, vassouras, caixas de fósforo, latas de lixo e o próprio corpo. O baiano Marivaldo dos Santos também faz parte do grupo. Ele é conhecido por fazer música a partir de objetos como chaveiros, latas, tampas etc. Nos espetáculos, soam apenas os sons produzidos pelos objetos do dia a dia, que se transformam em instrumentos musicais não convencionais.

## Seção 4 – Da arte de “ficção” à arte da “vida real”

Páginas no material do aluno

29 a 34

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Olhos nos olhos (Teatro).	Celulares (dos próprios alunos); filmadora, se possível.	A atividade consiste na realização de uma performance no espaço escolar, com foco na sensibilização do olhar	Não há.	2 aulas de 50 minutos cada.

### Aspectos Operacionais

1º Passo: Apresente a seus alunos algumas experiências performáticas indicadas no Livro do Aluno (Seção Veja Ainda). Discuta com eles as inovações que a *PerformanceArt* inseriu no mundo da arte na contemporaneidade, rompendo as separações convencionais entre as linguagens artísticas.

2º Passo: Proponha a realização de uma *performance* dentro da própria escola, de modo que todos os alunos possam vivenciar a experiência de serem *performers*. Alguns poderão participar registrando o trabalho por meio de celulares (ou filmadoras, se possível), para observação e avaliação posterior. Nesse caso, devem-se buscar os mais diversos ângulos de captação das imagens.

3º Passo: Escolher um determinado lugar da escola como espaço cênico. Este deverá ser grande o suficiente para que toda a turma se organize, de modo a poder observar, em total silêncio, todos que passarem por ali no momento da *performance* (outros alunos, professores, funcionários). O *hall* de entrada, uma escadaria, um corredor ou área de circulação, por exemplo. Definir um dia para realizar a atividade, especialmente num horário de maior movimento (início e final do turno, recreio etc.).

É fundamental esclarecer que a ação performática tem como objetivo a sensibilização do olhar, do significado do *ver e ser visto*. Não se trata de uma “pegadinha” – que, na maioria das vezes, propõe somente criar um constrangimento (público) para o participante involuntário, com fins de provocar o riso fácil do telespectador – e muito menos, submeter o outro a algum tipo de julgamento ou desaprovação coletiva. A atividade pretende criar uma situação cênica que possibilite a inversão dos papéis tradicionais de “ator” e “espectador”: aqui, os “atores” é que “assistem”, transformando uma ação cotidiana numa ação cênica.

4º Passo: Durante o trabalho, os *performers* não poderão conversar entre si ou com o público, verbalmente ou por “mímica”; a proposta é comunicar-se visualmente. Isso vale também para os alunos encarregados de fazer o registro (por fotos/vídeos no celular), pois também estarão “performando”. A duração irá variar conforme as condições de local e horário.

5º Passo: Num momento posterior (logo após ou na aula seguinte), a turma fará a observação das imagens coletadas para uma avaliação coletiva, levando-se em conta: as próprias sensações e dificuldades diante da experiência; as reações do público; a compreensão da noção de Performance como a interpenetração entre “ficção” e “vida real”.

## Aspectos Pedagógicos



Figura 3: *A artista está presente*, performance da artista iugoslava Marina Abramovic, realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) em 2010.

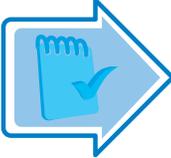
Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:The\\_Artist\\_is\\_present\\_-\\_MoMA\\_\(4423713664\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Artist_is_present_-_MoMA_(4423713664).jpg)

No dia da abertura do evento, 14 de março de 2010, a *performer* (na foto, de vestido longo) sentou-se em uma mesa no saguão de entrada do Museu e ficou em silêncio. Em frente, havia outra cadeira, vazia. No dia 31 de maio, após 721 horas, encerrou a *performance* da qual participaram 1.565 visitantes – incluindo celebridades (como Lady Gaga e outras) – além do público comum e antigos conhecidos como o ex-marido, que a artista não encontrava há anos. A proposta de Abramovic consistia apenas em olhar nos olhos das pessoas que sentassem diante dela, sem dizer nem fazer nada em especial, durante o tempo que permanecessem a sua frente. A artista estava simplesmente ali, presente, disponível. Para cada “espectador-participante”, uma experiência diferente e única. Onde terminava a “arte”? Onde começava a “vida real”?

Não há um consenso sobre o início do período contemporâneo na arte. Contudo, em geral, considera-se que tenha surgido por volta da segunda metade do século XX, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, como uma ação de ruptura com a arte moderna das vanguardas artísticas de 1920 e 1930. A efervescência cultural dos anos de 1960-70 começou a questionar a sociedade ocidental capitalista, rebelando-se contra o estilo de vida difundido na literatura, no cinema, na moda e na televisão. Os excessos da ciência e da tecnologia também levaram muitos artistas contemporâneos à percepção do estado de carência em que vive o ser humano, em relação às suas necessidades mais vitais e profundas. Daí, a consciência ecológica, o reaproveitamento dos materiais, e a redescoberta do corpo e dos sentidos como temas recorrentes nas artes do final do século XX.

A *PerformanceArt* (simplificada para apenas, *Performance*) surge nesse contexto, propondo um tipo de arte cênica que jamais pode ser repetida, uma vez que não se trata de uma “obra”, mas de um processo. Como tal, se inicia com uma ideia, mas se realiza como ação física direta, experiência inédita, sem possibilidade de ensaios ou resultados previsíveis. Uma arte efêmera, para um tempo efêmero!

## Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Leitura de imagem-Leitura de época.	Imagens impressas ou apresentadas no <i>Datashow</i> .	Fazer a leitura das imagens apresentadas em ordem cronológica para pensar sobre a arte como reflexo de uma época, enfatizando a presença feminina em todas as imagens.	Individual.	2 aulas de 50 min.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Apresente para a turma as imagens a seguir. Seria interessante que os alunos vissem uma de cada vez e, depois, todas ao mesmo tempo, para desenvolverem a atividade de avaliação.



Figura 1: Vênus de Willendorf, estatueta pré-histórica de mulher. Ela compartilha certas características com outras estatuetas encontradas em outras partes do mundo (muitas delas são de mulheres obesas ou grávidas ou extremamente esbeltas com silhueta afinada). A famosa Vênus de Willendorf foi encontrada em 1908 em um depósito de *loess* (tipo de sedimento fértil, de cor amarelada) do Vale do Danúbio, na Áustria.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuetas\\_de\\_V%C3%AAnus#mediaviewer/Ficheiro:Venus\\_von\\_Willendorf\\_01.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuetas_de_V%C3%AAnus#mediaviewer/Ficheiro:Venus_von_Willendorf_01.jpg)



Figura 2: Vênus de Milo, deusa da beleza e do amor. Escultura da Grécia Antiga pertencente ao acervo do Museu do Louvre, Paris, França. Esta escultura tem sido objeto de muitos estudos especializados e adquiriu o status de ícone popular, reproduzida vezes incontáveis como estatueta, em estampas, filmes, literatura, *souvenirs* turísticos e outros itens para o consumo de massa. É hoje uma das estátuas antigas mais conhecidas do mundo.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus\\_de\\_Milo#mediaviewer/Ficheiro:MG-Paris-Aphrodite\\_of\\_Milos.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus_de_Milo#mediaviewer/Ficheiro:MG-Paris-Aphrodite_of_Milos.jpg)



Figura 3: *Maestà*, 1270 (“majestade”, em italiano). Designa a representação de Maria com o Menino, sentada no trono e rodeada por santos e anjos. Obra do pintor florentino Giovanni Cimabue (1240-1302), da Itália. Pintura gótica que pertence ao acervo do Museu do Louvre.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte\\_da\\_It%C3%A1lia#mediaviewer/Ficheiro:Cimabue\\_032.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_da_It%C3%A1lia#mediaviewer/Ficheiro:Cimabue_032.jpg)

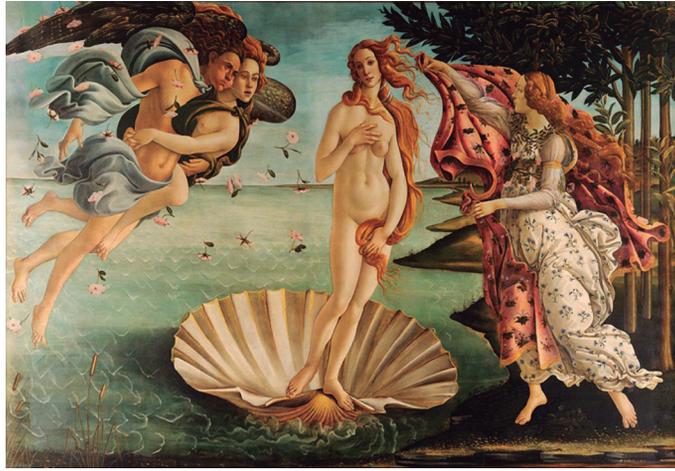


Figura 4: O *Nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli. A obra, que representa a deusa Vênus emergindo do mar como mulher adulta conforme descrito na mitologia romana, está exposta na Galleria degli Uffizi, em Florença, Itália. É provável que tenha sido feita em 1485 para Lorenzo di Pierfrancesco de Médici, que a teria encomendado para enfeitar sua residência.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintura\\_renascentista\\_em\\_It%C3%A1lia#mediaviewer/Ficheiro:Sandro\\_Botticelli\\_-\\_La\\_nascita\\_di\\_Venere\\_-\\_Google\\_Art\\_Project\\_-\\_edited.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintura_renascentista_em_It%C3%A1lia#mediaviewer/Ficheiro:Sandro_Botticelli_-_La_nascita_di_Venere_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg)onte



Figura 5: *Mulheres no Jardim* (1866), de Claude Monet. Nesta pintura, estão presentes as principais características do movimento impressionista, como mostrar os pontos que os objetos adquirem ao refletir a luz do sol num determinado momento, pois as cores da Natureza mudam durante o dia, dependendo da incidência da luz do sol. Os contrastes de luz e sombra devem ser obtidos de acordo com as cores complementares. Assim, um amarelo próximo a um violeta produz um efeito mais real do que um claro-escuro muito utilizado pelos pintores acadêmicos. A cena cotidiana e despretensiosa, sem posar para o artista, é outra característica do movimento.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude\\_Monet#mediaviewer/Ficheiro:Claude\\_Monet\\_024.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude_Monet#mediaviewer/Ficheiro:Claude_Monet_024.jpg)

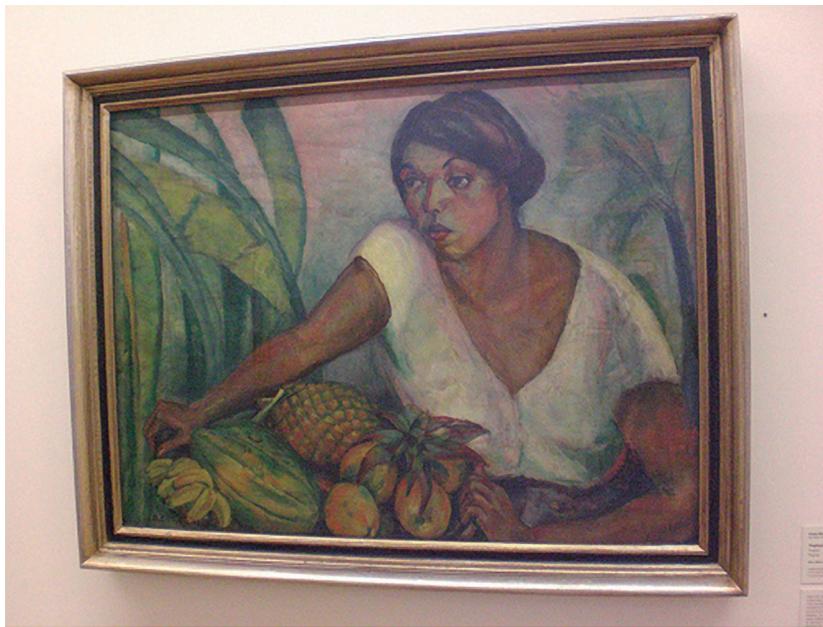


Figura 6: *Tropical* (1917), obra de Anita Malfatti. Parte integrante do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. A artista tinha voltado há pouco dos Estados Unidos quando produziu a obra e sua arte foi duramente criticada por não se encaixar nos padrões acadêmicos da época. Em *Tropical*, a artista representa uma mulher mestiça. A figura aparece carregando um cesto de frutas tropicais, mostrando, de certa maneira, “a cara” do Brasil.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/eliasroviello/8563584108/in/photolist-e3JBcS-aHzsBB-aHzset-aHzsx2-aHzs6x-aHzsrH-aHzs1M-KAGLn-arKULY-arKUZQ-arKUh9-arKTDY-arKVcQ-arKTQJ-arKXs3-arHhAn-arKYns-arHji6-arHf7B-arKXUj>



Figura 7: Mural “Gavetas”, d’ Os Gêmeos (Gustavo e Otávio Pandolfo), feito na cidade de Houston, Texas, Estados Unidos. Eles começaram a pintar grafites em 1987 e gradualmente tornaram-se a principal influência na cena nacional, ajudando a definir um estilo próprio do Brasil. Seu trabalho, muitas vezes, apresenta personagens de pele amarela, retirados do tom amarelo âmbar, em cenários e vestuários que exploram uma diversidade rica em cores. Os assuntos variam de retratos de família para comentários sobre as circunstâncias sociais e políticas de São Paulo, bem como o folclore brasileiro. A escolha pelo grafite é resultado da influência do movimento Hip Hop, presente na cena cultural brasileira contemporânea.

Fonte: <http://www.fotopedia.com/items/flickr-4479931674>

2º Passo: Estimule a turma a identificar o que é comum a todas as imagens. Mulheres – é o que aparece em todas as figuras. Reais ou idealizadas, lá estão elas. Pergunte se concordam que a seleção de fotos está em ordem cronológica, ou seja, perpassam os períodos históricos abordados na Unidade 3, de maneira a revelar em linhas gerais o que a arte representava em cada uma dessas épocas.

3º Passo: Individualmente, peça aos alunos para desenvolverem um texto a partir da análise pessoal sobre a sociedade à qual pertencemos. Os alunos irão imaginar que são artistas contemporâneos e que irão representar, por meio de sua arte, a mulher do século XXI. A obra está pronta na sua imaginação, só falta descrevê-la.

4º Passo: Para concluir a atividade de Avaliação, seria interessante fazer leituras descontraídas dos textos em sala de aula para que os colegas compartilhem semelhanças e diferenças do olhar para a mulher do nosso tempo. Talvez apareçam diferenças significativas entre os textos das alunas e dos alunos, que valem o debate.

---

## Aspectos Pedagógicos

Podemos ler imagens de várias maneiras e com inúmeros objetivos. Para estudar a técnica do artista, analisar cores e formas, diferenciar períodos artísticos e comparar imagens quanto ao tema, por exemplo. Ainda podemos perceber a sociedade de uma época através das imagens ou ter, nas imagens,, os únicos documentos de uma época para estudá-la. A leitura de imagens não deve ser vista como um exercício com respostas certas, a vivência de cada observador fornecerá ferramentas para enriquecer a leitura.

A atividade proposta nesta avaliação não tem como objetivo apenas verificar se os alunos aprenderam sobre épocas e movimentos artísticos nas artes visuais, mesmo porque a Unidade 3 não foi desenvolvida unicamente para esse fim. Esta atividade espera estimular o aluno a exercitar o seu olhar para a sociedade com o olhar do artista: um olhar investigador, questionador e inquieto. Não somente para denunciar problemas e questões sociais, mas para se sentir parte da sociedade em que está inserido.



# A dimensão social da Arte

## Recursos e ideias para o Professor

### Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



#### Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



#### Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



#### Avaliação

Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



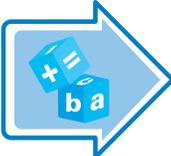
#### Exercícios

Proposições de exercícios complementares.

## Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Eu em exposição (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>datashow</i>	Propor uma produção artística participativa, a partir da obra de Franz Erhard Walther, presente na 30ª Bienal de São Paulo.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos + um intervalo do turno.
	Falando com o corpo eu falo mais alto... (Dança).	Computador e acesso à Internet; materiais diversos como: adereços, fitas, tecidos etc.	Criação, montagem e apresentação de uma performance, com tema a ser definido previamente pela turma.	Duplas, trios, pequenos grupos.	2 aulas de 50 minutos.
	Os batuques ecoam no século XXI (Música).	Imagens impressas ou reproduzidas no <i>Datashow</i> ; objetos selecionados pelos alunos.	A partir de observação, escuta e pesquisa, refletir sobre as manifestações populares do Maracatu, Tambor de Crioula e Jongo.	Individual ou em grupo.	2 aulas de 50 minutos.
	Cidade de Deus (Teatro).	Equipamento para a projeção de filme em DVD ( <i>Datashow</i> ).	Apreciação e debate sobre o filme <i>Cidade de Deus</i> , compreendendo a obra artística como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos (apreciação) + 1 aula de 50 minutos (debate).

## Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte como propaganda de arte (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Observação de um cartaz de Toulouse-Lautrec para desenvolver a experiência de criar um cartaz para promover um evento artístico-cultural.	Grupos de três alunos.	2 aulas de 50 minutos.
	Meu trabalho é uma festa! (Dança).	Computadores com acesso à Internet.	Pesquisa sobre os profissionais de dança que fazem o Carnaval do Rio de Janeiro.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.
	Clementina de Jesus (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Estudo da vida da cantora Clementina de Jesus e reflexão sobre a profissão de artista.	Individual.	2 aulas de 50 minutos.
	<i>Orfeu da Conceição</i> na escola (Teatro).	Computador com acesso à Internet; cópias (em papel) com diferentes trechos de <i>Orfeu da Conceição</i> .	Leitura dramatizada de trechos da tragédia carioca <i>Orfeu da Conceição</i> , de Vinícius de Moraes.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.

## Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte e revolução.	Computador com acesso à Internet.	Utilizar obras de diferentes linguagens artísticas (artes visuais, cinema, música, poesia) para discutir o caráter transformador da arte, tanto a nível pessoal quanto social.	Não há.	2 aulas de 50 minutos.

## Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Eu em exposição (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i>	Propor uma produção artística participativa, a partir da obra de Franz Erhard Walther, presente na 30ª Bienal de São Paulo.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos + um intervalo do turno.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Apresente aos alunos as imagens a seguir e peça que descrevam o que estão vendo: onde as pessoas estão, o que estão fazendo, o material utilizado, como os espectadores se comportam nas fotos:



Figuras 1,2,3: *Head to Head Via Head* (Cabeça para Cabeça via Cabeça), 1967. Obra de Franz Erhard Walther (artista alemão), realizado na Trigésima Bienal de São Paulo – Iminência das Poéticas, 2012.

Fonte: Alda de Moura Macedo Figueiredo (acervo particular).

2º Passo: A partir dos comentários dos alunos, explique que a obra de Franz Erhard Walther ganha sentido e forma plena ao ser “acionada” pelo espectador, ou seja, a obra se completa quando usada, manipulada pelo público. Propostas para a manipulação e a interação, suas peças funcionam como instrumentos de ação para o espectador. Confeccionadas em tecidos de cortes retos, cores sóbrias e formas geométricas simples, os objetos de Walther demandam uma utilização quase sempre coletiva e geram instantes poéticos de troca, reconhecimento, estranheza e intimidade.

3º Passo: Ouça dos alunos se eles tomariam a iniciativa de sair do lugar distanciado e passivo do observador para entrar no local demarcado pelo artista (aqui, há um grande tapete preto no meio do salão, onde os sapatos são retirados para começar a experiência). Quem se propõe a entrar nesse espaço torna-se parte da obra: as pessoas que estão ao redor, calçadas, respeitando o limite do tapete, estão assistindo *passivamente* ao acontecimento: o público é parte material da obra do artista!

É importante ressaltar que, na proposta de Walther, cada peça de tecido, de vários modelos e formatos, possui uma indicação específica de uso. Dessa maneira, o voluntário a dar vida à obra segue uma bula de como utilizar o tecido e até como dobrá-lo, ao terminar a experiência. Essa característica faz com que o voluntário seja parte e material de sua proposta; é a intenção do artista atuar sobre o corpo do outro. Parece ser algo mecânico, mas é leve; não é preciso inventar algo, somente vivenciar a experiência com a outra pessoa que se torna sua parceira. A obra e o espaço da exposição são vistos de outro lugar por parte de quem vive a experiência; e, quem assiste, presencia movimentos simples e corriqueiros do dia a dia, vendo-se assim também “dentro” da obra.

Ir ao encontro do outro, olhar no olho ao dobrar o objeto, dividir e respeitar o espaço, seguir regras, tudo isso está presente na proposta de trabalho de Franz Erhard Walther para a 30ª Bienal de São Paulo – “A iminência das poéticas”, realizada em 2012. Atitudes simples, que deveriam estar presentes nas relações entre as pessoas na família, na escola, no trabalho, na sociedade. Seria a proposta de Franz Erhard Walther um manual de tolerância e civilidade?

4º Passo: Proponha para turma a elaboração de um objeto vivencial a ser montado no pátio da escola, no momento do intervalo do turno. Siga os passos de Franz Erhard Walther: crie um espaço no chão com fita adesiva de grande espessura, ou outro material que sirva a esta função de delimitação espacial. As peças da obra poderão ser de tecido, elástico, um lençol ou outros objetos maleáveis, definidos pela própria turma.

A turma deverá elaborar os gestos e o passo a passo da experiência, de preferência fotografando (por celulares) as cenas produzidas pelas pessoas que vivenciaram a obra. Devem ser propostas simples, como desdobrar e dobrar o tecido, envolver-se nele, interagir com o outro. Seria interessante um voluntário fazer a experiência no local escolhido, para que alunos de outras turmas entendam a proposta e participem. Uma variação possível: à entrada, cada dupla de participantes (se for uma proposta para duplas, por exemplo) recebe do professor uma “bula” com novas orientações, para que as propostas de ação não sejam totalmente previsíveis.

5º Passo: Ao fim do intervalo, acaba a experiência artística. Quando manipulados pelo público, os tecidos são a obra. Agora, são apenas “tecidos”, objetos comuns. Não há necessidade de explicar nada para os colegas no pátio. A experiência falará por si, podem surgir comentários no intervalo do dia seguinte. Será interessante a turma fazer um balanço da experiência na próxima aula de arte: como foi propor uma arte ativa? Que outras ideias podem ser abordadas dessa forma?

---

## Aspectos Pedagógicos

Franz Erhard Walther é reconhecido internacionalmente por suas cinco décadas de investigação sobre as dimensões espaciais, sensoriais e temporais da obra de arte. Desde as primeiras experiências, no início dos anos de 1960, o trabalho de Walther tem ocupado uma posição de vanguarda, revelando como ele abandonou radicalmente os modos convencionais de pintura e escultura, a fim de examinar o *processo*, em vez do *produto* (a obra de arte propriamente dita). Nessa abordagem, ele utiliza os problemas tradicionalmente enfrentados pelos artistas visuais – a forma, os materiais, o espaço – para conceber objetos e imagens que desafiam o espectador a agir e interagir com a própria obra – é ela que mostra ao espectador o que deve ser feito.

Ao reconhecer o impacto da presença no espaço e as ações dos espectadores em tempo real, Walther tenta suspender a sensação de isolamento e observação passiva que é frequentemente associada com a visualização das obras de arte. Incidindo sobre o “fazer”, ele começou a envolver primeiro as mãos e depois todo o corpo em uma série

de atividades, tais como pressionar, dobrar e desdobrar, acondicionar, colar, cortar, e rasgar materiais maleáveis. Dessa maneira, o artista depende da curiosidade e da vontade de participar do espectador, pois a arte é experimentada como um evento efêmero em que produção e recepção da obra estão totalmente conectadas.

Ao olhar e usar as obras numa exposição, vale à pena considerar as consequências e dimensões da proposta de Walther - não só dentro da prática estritamente artística, mas também nas esferas sociais e políticas, pois a potencialidade de atos aparentemente modestos recai sobre nós, os espectadores, como um convite para atuar ativamente na construção – ou transformação – da realidade cotidiana.

## Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Falando com o corpo eu falo mais alto... (Dança).	Computador e acesso à Internet; materiais diversos como: adereços, fitas, tecidos etc.	Criação, montagem e apresentação de uma performance, com tema a ser definido previamente pela turma.	Duplas, trios, pequenos grupos.	2 aulas de 50 minutos.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Explicar ao aluno o que é *performance*, no contexto da arte. Este tipo de evento – que surgiu por volta da década de 1960 e consiste numa forma de expressão artística que pode incluir distintas linguagens como a música, poesia, vídeo, teatro ou outras – tem como principal técnica a improvisação dos artistas, diante de um público ocasional ou pré-estabelecido.

2º Passo: Apresentar o vídeo a seguir, explicando como é ampla e diversificada a escolha de meios (imagens, sons, palavras, gestos etc.) para a realização de cada trabalho que, como toda obra artística (enquanto linguagem), tem sempre algo a comunicar, discutir e refletir:

Trecho do programa "Metropolis" da TV Cultura, sobre o Encontro Hemispheric de *Performance* e Política, realizado em janeiro de 2013, na ECA-USP e no SESC Vila Mariana. Contém breve entrevista com Marcos Bulhões e Marcelo Denny, criadores da *performance* urbana Cegos. Publicado em 24/06/2013 em: <http://youtu.be/R6sMOVY-cg>

3º Passo: Pedir aos alunos, já organizados em pequenos grupos, que pensem sobre uma questão para a qual gostariam de chamar a atenção das pessoas (a importância da limpeza e preservação de uma praça local, por exemplo). Em seguida, que discutam com os colegas como apresentá-la, através de uma *performance*. Deve-se estimular um debate sobre os aspectos operacionais da obra (se é individual ou em grupo, com movimento ou estática, se há neces-

sidades específicas de espaço, equipamentos, horário etc.), a eficácia da ação e seus possíveis desdobramentos. Cada grupo fará um plano de ação/roteiro, definindo o(s) objetivo(s) da proposta e a função de cada participante (pesquisa de temas; elaboração de figurinos, objetos cênicos e adereços; sonorização ou outros recursos técnicos; etc.).

4º Passo: Operacionalização e execução da *performance*, de acordo com o plano/roteiro e as funções, combinadas previamente. Se possível, as práticas deverão ser filmadas para uma apreciação posterior, na avaliação verbal.

5º Passo: Apreciação e avaliação verbal. O aspecto mais importante a focar, aqui, será o da objetividade de cada proposta, isto é, se esta atingiu os objetivos pretendidos.

2º Passo: Agora explique para turma que a Figura 3 é uma fotografia de Vik Muniz desenvolvida com lixo e sucatas ilustradas pela Figura 2 e uma releitura da Figura 1, obra de Caravaggio. Proponha um debate sobre a seleção e o estudo dos materiais no processo criativo do artista.

3º Passo: Conclua a atividade solicitando que os alunos troquem os textos entre si para que analisem o que os colegas escreveram e façam a correção escrevendo na folha do colega o que foi explicado e debatido minutos antes. Esta prática possibilita uma eficiente avaliação da aprendizagem. Recolha para analisar o resultado do texto, que se tornou uma produção em dupla.

---

## Aspectos Pedagógicos

A *performance* explora, sobretudo, as práticas do corpo como veículo para a criação de novos significados e para a comunicação de ideias, valores culturais, memória e identidade. Nesse contexto, dirige a criação artística principalmente para as coisas do mundo, a natureza e a realidade urbana. As *performances* articulam diferentes modalidades de arte - dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura, cinema etc. - desafiando as classificações e convenções tradicionais.

Aqui no Brasil, o artista Flávio de Carvalho (1899-1973) é considerado o pioneiro da *performance*. Em 1931, realizou a sua célebre *Experiência Nº 2*, que consistiu em simplesmente caminhar, sem tirar o chapéu da cabeça e em sentido contrário, em meio aos fiéis dentro de uma procissão de Corpus Christi no centro de São Paulo. A ação, que era somente um experimento sobre o comportamento das multidões, foi designada, anos depois, como uma *performance*. Mas, naquele momento, foi considerada uma provocação: o artista foi perseguido por um grupo de participantes até uma lanchonete (onde se refugiou) e quase foi linchado, sendo salvo pela polícia.

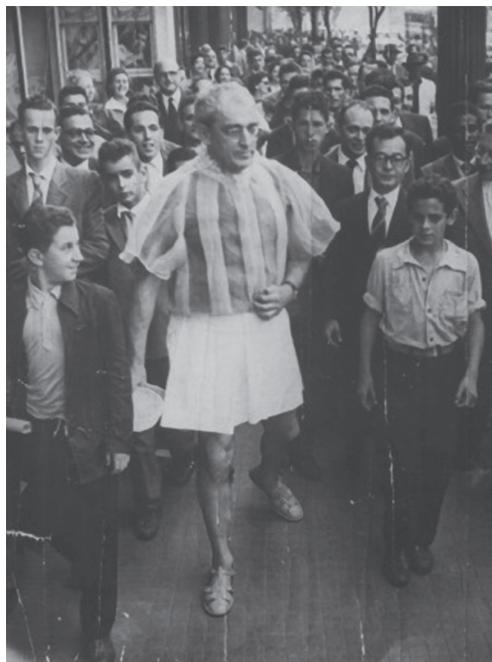


Figura 4: Flávio de Carvalho faz a sua *Experiência nº.3* (1956) no centro de São Paulo, após publicar uma série de artigos sobre moda em sua coluna no *Diário de São Paulo*. Por meio da *performance*, ele propõe, como alternativa ao uso do terno tradicional no calor tropical, um traje masculino composto de saia, blusa com mangas curtas e folgadas, chapéu plástico e sandálias de couro. Aqui, não houve violência, mas surpresa e curiosidade por parte dos transeuntes, sobretudo homens.

Fonte: <http://www.afterall.org/journal/issue.24/flavio-de-carvalho-from-an-anthropophagic-master-plan-to-a-tropical-modern-design>

A produção do artista plástico Hélio Oiticica (1937-1980) nos anos de 1960 – principalmente os famosos *Parangolés* – guardam estreita relação com a *performance*, por sua ênfase na participação do espectador na animação da obra de arte, ao imprimir dinamismo a objetos a princípio, estáticos: o "comportamento-corpo", como definiu o artista. Os "parangolés" consistiam em tecidos de diferentes texturas que, utilizados ou vestidos como adereços, tornavam-se obra plástica pelos movimentos da pessoa que os utilizava naquele momento. Sem isso, eram apenas "tecidos".

Em 1967, foi realizada a exposição coletiva "Nova Objetividade Brasileira", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Nessa exposição, Hélio Oiticica apresentou *Tropicália*, obra que reproduzia o ambiente de uma favela, com um barraco de madeira sobre areia, cercado de bananeiras, onde o visitante podia entrar. A ideia de participação ativa na obra de arte transbordou para a canção popular, o cinema e o teatro, dando propulsão ao Movimento Tropicalista.

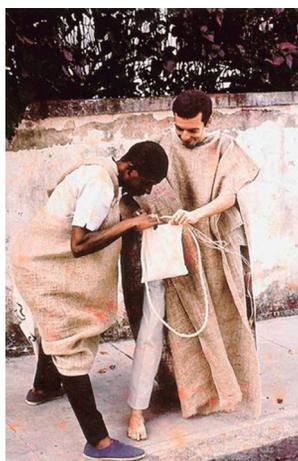


Figura 5: Hélio Oiticica e Nildo da Manguieira vestem *Parangolé P16, Capa 12, Da adversidade vivemos*.

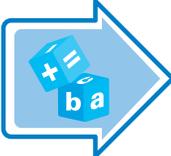
Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=33514>

O importante, caro professor, é que a *performance* seja compreendida pelos alunos como uma estratégia poética para dar visibilidade a uma determinada questão ou problema que, segundo eles, merece atenção (da escola, da comunidade etc), consistindo num momento de reflexão dinâmica, e não num mero pretexto para instaurar, no espaço escolar, qualquer tipo de ação predatória em relação ao patrimônio público e/ou às pessoas que nele convivem.

## Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Os batuques ecoam no século XXI (Música).	Imagens impressas ou reproduzidas no <i>Datashow</i> ; objetos selecionados pelos alunos.	A partir de observação, escuta e pesquisa, refletir sobre as manifestações populares do Maracatu, Tambor de Crioula e Jongo.	Individual ou em grupo.	2 aulas de 50 minutos.

A afirmação das identidades culturais e a reapropriação das culturas populares pode se dar por meio da revalorização de manifestações como o Tambor de Crioula do Maranhão com sua dança circular, canto e percussão de tambores; os batuques dos Maracatus, anunciando o cortejo real e o Jongo, que integra percussão de tambores e a dança coletiva. São, estas, algumas das muitas formas de expressão de matriz afro-brasileira, tanto pela sua riqueza quanto pela sua história de luta, devem ser vistas, ouvidas e pesquisadas pelos alunos. Seus batuques ecoam por todos os Brasis com diferentes sons e sotaques. Os blocos de rua de carnaval como, por exemplo, o Olodum de Salvador (BA), são hoje os exemplos mais conhecidos, pela divulgação que conquistaram através da mídia.

## Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente textos, imagens e sons de pelo menos uma das manifestações populares destacadas e peça aos alunos que as observem e escutem.



Figura 6: Xilogravura apresentando o Maracatu. Observe que o estandarte abre caminho para o cortejo; os Reis do Congo são protegidos pelo grande chapéu de sol e, atrás, vão os atabaques.

Fonte: [https://www.google.com.br/search?q=xilogravura+maracatu&newwindow=1&espv=2&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=DkLFU6ewJezksASIo4DQAw&ved=0CB0QsAQ&biw=1366&bih=667#facrc=\\_&imgdii=\\_&imgrc=qEH0Pn-la8NJGM%253A%3Bjn9cNKysxMC7JM%3Bhttp%253A%252F%252Fmaracatu.org.br%252Fo-maracatu%252Ffiles%252F2009%252F05%252Fgravura\\_breve\\_historia.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fmaracatu.org.br%252Fo-maracatu%252Fbreve-historia%252F%3B500%3B309](https://www.google.com.br/search?q=xilogravura+maracatu&newwindow=1&espv=2&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=DkLFU6ewJezksASIo4DQAw&ved=0CB0QsAQ&biw=1366&bih=667#facrc=_&imgdii=_&imgrc=qEH0Pn-la8NJGM%253A%3Bjn9cNKysxMC7JM%3Bhttp%253A%252F%252Fmaracatu.org.br%252Fo-maracatu%252Ffiles%252F2009%252F05%252Fgravura_breve_historia.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fmaracatu.org.br%252Fo-maracatu%252Fbreve-historia%252F%3B500%3B309)

Áudio: Evolução da bateria do Maracatu Estrela Brilhante do Recife.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GmuOoaeuubs>



Figura 7: No Tambor de Crioula do Maranhão, a dança é executada pelas mulheres, cada uma entrando a seu tempo na roda para desenvolver a coreografia.

Fonte: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=856:tambor-de-crioula&catid=54:letra-t&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=856:tambor-de-crioula&catid=54:letra-t&Itemid=1)

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RcGskX5MjEk>



Figura 8: Jongo na Fazenda Machadinha, em Quissamã (RJ).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jongo#mediaviewer/Ficheiro:Jongo\\_em\\_machadinha8\\_adilson\\_dos\\_santos\\_alta.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jongo#mediaviewer/Ficheiro:Jongo_em_machadinha8_adilson_dos_santos_alta.jpg)

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=jXbEhFrNXMM>

2º Passo: Em pequenos grupos, os alunos devem conversar sobre as manifestações que conhecem ou das quais participam.

3º Passo: Leia os textos. A seguir, proponha uma reflexão sobre a origem destas manifestações populares. Peça para que, em grupos, escrevam um texto sobre uma destas manifestações.

---

## Aspectos Pedagógicos

Leituras de textos recolhidos em sites oficiais da Internet são, hoje, um modo bastante produtivo e ágil de conhecer os principais aspectos teóricos e históricos das diversas manifestações populares brasileiras. Apresentamos, a seguir, alguns trechos que podem ser utilizados para esse fim:

### Texto nº 1 - O Maracatu

Manifestação afrodescendente da cultura popular brasileira. No carnaval de Pernambuco, os batuques dos maracatus anunciam o cortejo real. Seguem a dama que leva a calunga (boneca enfeitada) e o grupo, em evoluções coreográficas. Surgiu durante o período escravocrata, provavelmente entre os séculos XVII e XVIII a partir das coroações e autos do Rei do Congo. Os eleitos como Rainhas e Reis eram lideranças políticas entre os cativos: intermediários entre o poder do Estado Colonial e as mulheres e homens de origem africana. Destas organizações, que passaram a realizar encontros e rituais em torno dessas representações sociais, teriam surgido muitas manifestações culturais populares. Com a abolição da escravatura, o Maracatu passou gradualmente a ser caracterizado como um fenômeno típico dos carnavais recifenses. É dançado ao som de tambores, chocalhos e gonguê – um tipo de instrumento percussivo originado na África.

Após um intenso processo de decadência dos maracatus de Recife, durante quase todo o século XX, ocorreu, nos anos 1990, o que poderíamos chamar de “*Boom do Maracatu*”. A prática adquiriu uma notoriedade que nunca

havia conquistado antes, sendo provavelmente resultante, entre outras coisas, da ação do Movimento Negro Unificado (MNU) junto a Nação Leão Coroado, (uma das nações de maracatu mais tradicionais de Recife), do movimento Mangue *Beat* (cujos principais expoentes são Chico Science e o grupo Nação Zumbi, a Banda Mestre Ambrósio, entre outros), e do grupo Nação Pernambuco (uma de suas principais marcas foi ter separado a dimensão da música e da dança do Maracatu de sua dimensão original, religiosa).

Fonte: <http://maracatu.org.br/o-maracatu/historia/>(adaptado)

### **Texto nº 2 - Tambor de Crioula do Maranhão**

O Tambor de Crioula do Maranhão é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afro-brasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela, participam as “coreiras” ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo impulso das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na “punga” ou umbigada – gesto característico, entendido como saudação e convite.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=719>(adaptado)

### **Texto nº 3 - Jongo**

Manifestação cultural afro-brasileira, o jongo é uma forma de expressão que integra percussão de tambores e dança coletiva. Suas raízes estão nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar, localizadas no sudeste brasileiro. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e também espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico.

A cantora Clementina de Jesus (1901-1987) gravou no seu LP "Clementina de Jesus" de 1966, a faixa: *Cangoma me chamou*, um canto recorrente em várias comunidades jongueiras, em versão arranjada e adaptada musicalmente pela própria Clementina.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3652>(adaptado)

## Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Cidade de Deus (Teatro).	Equipamento para a projeção de filme em DVD ( <i>Datashow</i> ).	Apreciação e debate sobre o filme <i>Cidade de Deus</i> , compreendendo a obra artística como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos (apreciação) + 1 aula de 50 minutos (debate).

## Aspectos Operacionais

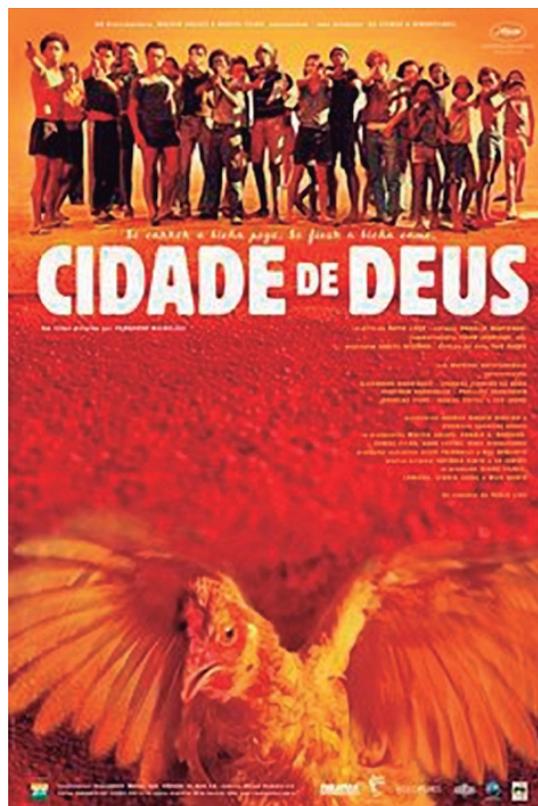


Figura 9: Pôster de divulgação de *Cidade de Deus* (2002), drama do cinema nacional dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, adaptado por Bráulio Mantovani a partir do livro homônimo de Paulo Lins. Em primeiro plano, a galinha que consegue fugir de um trágico destino – metáfora do protagonista Buscapé, menino da favela que dá título à obra.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_de\\_Deus\\_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_de_Deus_(filme))

1º Passo: Programe, em sua escola, um momento para a exibição do filme *Cidade de Deus* (lembre-se de que serão necessárias duas aulas somente para esta etapa da atividade). Antes da exibição propriamente dita, informe aos alunos sobre as diversas indicações ao Oscar recebidas pelo filme em 2004: Melhor Diretor (Fernando Meirelles), Melhor Roteiro Adaptado (Bráulio Mantovani), Melhor Edição (Daniel Rezende) e Melhor Fotografia (CésarCharlone).

2º Passo: Assista ao filme junto com seus alunos. No final da exibição (ou na aula seguinte), comente a respeito do período histórico em que a história se passa, chamando a atenção da turma sobre aspectos que auxiliam essa identificação (tipo de caracterização e vestuário dos personagens; trilha musical; modelos de carros etc.), e também para os modos como o filme cria as passagens de tempo e as transformações (da cidade, da favela, dos moradores) que as acompanham.

3º Passo: Estimule a turma a pesquisar sobre os temas abordados no filme, tais como: o processo de favelização das grandes cidades; o tráfico de drogas e armas; o estupro; a corrupção policial; a exploração da violência urbana pela mídia etc., percebendo as relações entre os mesmos. É importante que as discussões/pesquisas extrapolem a esfera individual e pessoal dos personagens para alcançar uma dimensão mais ampla dos problemas sociais que eles “personificam” no filme.

4º Passo: Apresentação dos resultados das pesquisas aos colegas, como forma de aprofundar o debate iniciado com a exibição do filme.

---

## Aspectos Pedagógicos

*Cidade de Deus* retrata as origens sociais do crime organizado na cidade do Rio de Janeiro, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980. O elenco principal do filme é formado por Alexandre Rodrigues (Buscapé), Douglas Silva (Dadinho, Zé Pequeno criança), Leandro Firmino da Hora (Zé Pequeno adulto), Phellipe Haagensen (Bené), Matheus Nachtergaele (Cenoura) e Seu Jorge (Mané Galinha), dentre outros atores que eram, em sua maioria, apenas moradores do Morro do Vidigal e da Cidade de Deus, sem nenhuma experiência profissional, que o diretor Fernando Meirelles levou dois anos para selecionar e preparar.

*Cidade de Deus* recebeu críticas impressionantes de países de grande tradição cinematográfica; por exemplo, a sua escolha pela revista *Time*, como um dos melhores filmes da história do cinema. Outras premiações: Melhor filme estrangeiro pela *British Independent Film Awards* – Inglaterra (2003); Melhor Filme e Melhor Diretor no Festival de Cartagena – Colômbia (2003); 9 prêmios no Festival de Havana – Cuba (2002); 6 prêmios no Grande Prêmio Cinema Brasil (2002); Melhor filme estrangeiro pela *NYFCC Awards* – EUA (2003), dentre vários outros. Em 2010, foi escolhido pela Revista *Empire* – EUA como o sétimo melhor filme do cinema mundial.

É imprescindível que você, professor, assista ao filme e reflita sobre ele (se possível, com outros professores de sua escola) *antes de sua exibição para os alunos*, para que a proposta desta atividade fique totalmente clara, pois se trata de uma obra com recomendação de faixa etária devido à violência “crua” de certas cenas e da linguagem “chula” de alguns personagens. Contudo, estes aspectos pontuais devem ser tratados como secundários em relação ao objetivo principal, que é propiciar aos alunos a oportunidade de, por uma obra artística (neste caso, construída em linguagem

cinematográfica), perceberem as estratégias e elementos cênicos utilizados na construção da obra artística para criar efeitos de tempo, espaço, narratividade, caracterização, aspectos psicológicos dos personagens, interligando fatos reais e ficcionais para colocar em cena as relações existentes entre a condição de vida dos personagens e suas “tragédias” pessoais e sociais – resultantes de certas políticas públicas que, como mostra o filme, podem levar toda uma população à exclusão social (favelização) e até mesmo ao crime (tráfico de drogas, criação de facções, corrupção etc.).

## Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte como propaganda de arte (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Observação de um cartaz de Toulouse-Lautrec para desenvolver a experiência de criar um cartaz para promover um evento artístico-cultural.	Grupos de três alunos.	2 aulas de 50 minutos.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: O que vemos? Faça esta pergunta para a turma ao apresentar o cartaz de Toulouse-Lautrec. É possível que descrevam a cena, o que as pessoas estão fazendo, onde estão. Mas talvez não vejam a imagem como uma propaganda publicitária. Esse é o ponto mais importante. Estamos diante de uma cena de um espetáculo de dança representado no cartaz que informa o local (*Moulin Rouge* – uma célebre casa de espetáculos de Paris do início do século XX), o evento (*ConcertBal*, concerto de dança), o período (*Tous les soirs*: “todas as noites”), a dançarina principal (*La Goulue* – uma também famosa *vedette* da época) e, também, a assinatura do artista no canto inferior esquerdo.

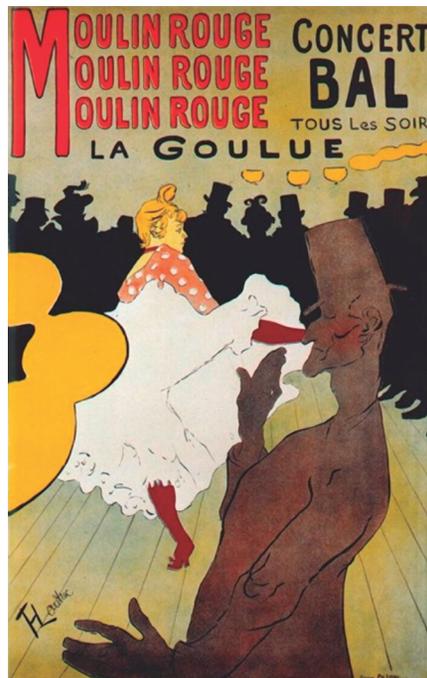


Figura 10: Cartaz (de 1891) de Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901) no qual aparecem La Goulue, uma popular dançarina de Cancan, e seu parceiro, o dançarino Valent.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/La\\_Goulue#mediaviewer/Ficheiro:Lautrec\\_moulin\\_rouge\\_la\\_goulue\\_\(poster\)\\_1891.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/La_Goulue#mediaviewer/Ficheiro:Lautrec_moulin_rouge_la_goulue_(poster)_1891.jpg)

A proposta da atividade é despertar no aluno que está finalizando a sua formação em EJA um outro olhar para a arte, vendo-a como possibilidade profissional em vários campos. Aqui, temos o exemplo de um artista que revolucionou o olhar para o cartaz e para a litografia no que diz respeito à popularização e à comercialização de suas produções. Hoje, o *design* gráfico possui como ferramenta os programas de computador, e é um mercado em franca expansão.

2º Passo: Converse com os alunos sobre os eventos que eles costumam frequentar: bailes, shows, restaurantes com música ao vivo, apresentações musicais religiosas e outros. A partir da influência do trabalho de Toulouse-Lautrec, proponha a elaboração de um cartaz com os mesmos itens do cartaz do artista, com uma ilustração instigante e letras atrativas, em grupos de três alunos. Seria interessante desenvolver esta atividade no Laboratório de Informática da escola, aproveitando recursos como tipos de letras e pesquisa de imagens; se sua escola não tiver um, tente fazer artesanalmente com materiais e técnicas simples como recorte e colagem de revistas, folhetos de propaganda, jornais, fios, tecidos etc., para criar um cartaz promovendo um evento da própria escola.

Frise para os alunos que, nesta situação, os elementos das artes visuais estão a serviço de outras linguagens artísticas: música, dança, teatro, cinema, por exemplo, além de ter um objetivo comercial claro – a propaganda!

---

## Aspectos Pedagógicos

Henri de Toulouse-Lautrec, pintor e desenhista francês, trabalhou por menos de vinte anos, mas deixou um legado artístico importantíssimo, tanto em relação à qualidade e à quantidade de suas obras, como também no que se refere à popularização e à comercialização das artes visuais. Pode-se dizer que foi um dos primeiros a quem se po-

deria atribuir o título de “artista gráfico”, pois muito tempo antes de existir esse termo, Toulouse-Lautrec revolucionou o *design* dos cartazes publicitários, contribuindo para definir o estilo que posteriormente ficou conhecido como *Art Nouveau*. Testemunha da vida noturna de *Montmartre* – bairro boêmio de Paris - criou cartazes promocionais dos cabarés e teatros, participando ativamente na Revolução Industrial do século XIX, quando diferentes técnicas de arte passaram a ser utilizadas para fins comerciais. O cartaz litográfico colorido foi uma nova ferramenta de divulgação de locais de lazer parisienses. É o início da publicidade!

Toulouse-Lautrec notabilizou-se pela habilidade de capturar as pessoas em seu ambiente de trabalho, com as cores e o movimento pulsante da vida noturna. Usava muito vermelho, cabelos cor de laranja e verde limão para traduzir a atmosfera elétrica da vida noturna. Era um mestre do contorno, podia retratar cenas de grupos de pessoas onde cada pessoa podia ser identificada apenas pela silhueta. Frequentemente ele aplicava a tinta em uma estreita e longilínea pincelada, deixando o contorno aparecer, mas nunca encobrindo por completo o traço forte do desenho. O contorno simples era a sua "marca registrada" desde o início da carreira. Não pintava sombras, nem paisagens. Suas pinturas sempre incluíam pessoas (um grupo ou indivíduo), pintadas em apenas 4 ou 5, raramente 6 cores justapostas em delicadas modulações.

## Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Meu trabalho é uma festa! (Dança).	Computadores com acesso à Internet.	Pesquisa sobre os profissionais de dança que fazem o Carnaval do Rio de Janeiro.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Conversar com os alunos sobre o Carnaval, festa preferida dos cariocas e turistas que vêm no verão para a cidade do Rio de Janeiro assistir ao Desfile das Escolas de Samba. Os principais aspectos para os quais o professor deve chamar a atenção dos alunos são a música – o samba enredo – e os movimentos dos componentes que desfilam pela Avenida Marquês de Sapucaí em passos improvisados ou coreografados por especialistas.

2º Passo: Apresentar os vídeos seguintes, destacando a participação de profissionais do samba, anônimos ou famosos, que se destacam no Carnaval do Rio de Janeiro.

### a) Compositor

Escolha do samba enredo da Portela 2014. Reportagem exibida no programa Fantástico da emissora de TV

Globo, acerca dos bastidores da escolha do samba-enredo dessa Escola de Samba, para o carnaval de 2014. Publicado em 20/10/2013.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=NVoizErE1HE>

#### **b) Passista**

Comissão de frente - Salgueiro 2014. O vídeo apresenta um trecho que marcou o Carnaval de 2014, em que a referida Escola de Samba coloca em pleno desfile a magia da levitação, realizado durante a coreografia de sua Comissão de Frente.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=DMBxK6PC0Ak>

#### **c) Coreógrafo**

Curta metragem sobre a comissão de frente da Mangueira, feita por estudantes do Colégio Estadual José Leite Lopes. Entrevistas: Carlinhos de Jesus, Raymundo de Castro e Chiquinho da Mangueira. Publicado em 14/04/2014.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=qOW5TLJiy08>

3º Passo: Pesquisar, em grupos, sobre as atividades profissionais (dançarino, coreógrafo, sambista/ritmista, intérprete) ligadas ao universo do Carnaval, por meio de um trabalho de campo. Utilizar instrumentos de pesquisa como: entrevistas com pessoas da própria comunidade; coleta de dados e informações sobre o tema, obtidas por diferentes meios: Internet, revistas, jornais etc. Fazer o registro escrito, iconográfico (fotos) e audiovisual (filmagens) das pessoas, dos ambientes e das atividades relacionadas à pesquisa.

Sugestões para a entrevista: registro dos dados pessoais; verificar se os sujeitos da pesquisa desenvolvem outras atividades profissionais, como se deu o contato com o Carnaval, se a família também está envolvida na atividade; memórias, alegrias e dificuldades do trabalho, ontem e hoje, perspectivas futuras etc.

---

## **Aspectos Pedagógicos**

A questão principal, nesta atividade, é destacar para os alunos que, embora a maioria das pessoas participe do Carnaval apenas por prazer e lazer, há neste universo todo um campo de estudo e labor que envolve profissionais de alto nível que trabalham antes, durante e depois do período da festa propriamente dita.

Em relação às atividades profissionais ligadas especificamente à dança, destacam-se as seguintes:

- a) Bailarino/dançarino: cria e executa coreografias, individualmente ou em conjunto.
- b) Coreógrafo: planeja e define sequências de movimentos que serão executados pelos bailarinos.
- c) Diretor de cena: cria e coordena apresentações de dança. Seleciona e dirige os dançarinos de uma companhia de dança, orientando assistentes de cenografia, figurinistas e iluminadores sobre a sua concepção cênica; ou, ainda, cria, monta e dirige espetáculos/cenas de dança para teatro, cinema ou TV.
- d) Professor de dança: o profissional habilitado pelo Curso de Bacharelado pode atuar na recuperação e reintegração de adolescentes, crianças e portadores de deficiência física e mental, em instituições penais e de saúde. Com o Curso de Licenciatura Plena em Dança, o profissional pode ministrar aulas em escolas de dança e academias, cursos técnicos e

cursos livres, coordenar *workshops* e oficinas de dança ou atuar como professor docente de Arte em estabelecimentos oficiais de ensino fundamental e médio. A pós-graduação qualifica o profissional a atuar no ensino superior.

e) Produtor cultural: viabiliza a exibição de espetáculos de dança, conseguindo patrocínios, administrando o orçamento e providenciando os locais de ensaio e os materiais necessários para a sua realização.

É importante ressaltar que, para atuar como bailarino profissional no mercado de trabalho, é preciso possuir um atestado de capacitação profissional fornecido nos municípios brasileiros pelos sindicatos da categoria, ou órgão correspondente. Para obter o documento, é necessário comprovar a formação por meio de currículo.

Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/artes-design/danca-691916.shtml>

## Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Clementina de Jesus (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Estudo da vida da cantora Clementina de Jesus e reflexão sobre a profissão de artista.	Individual.	2 aulas de 50 minutos.

## Aspectos Operacionais

Integrando o que foi visto nesta Unidade sobre a arte como trabalho, cultura popular e identidade cultural, a última atividade de Música do EJA está relacionada a uma grande figura do cenário musical do Rio de Janeiro, que nasceu e viveu no berço da cultura afrodescendente com toda a sua riqueza, na adolescência participou de manifestações populares, entre elas o nascimento das escolas de samba, e na maturidade viveu do trabalho com sua voz e da bagagem cultural adquirida antes.

1º Passo: Leia para a turma o texto a seguir, sobre a infância e adolescência da Clementina de Jesus e coloque o áudio. Peça para que destaquem todas as manifestações populares vividas pela artista.

### Texto 1:

O pai de Clementina de Jesus da Silva (1901-1987), nascida em Valença, era pedreiro, carpinteiro, mestre de capoeira e violeiro. Sua mãe, dona Amélia, era lavadeira, parteira e rezadeira; filha de escravos, cantava em línguas das nações africanas que formavam a comunidade negra de Valença, de origem *bantu*. Cantava, também, hinos de igrejas e cantigas aprendidas com os pais e com os mais velhos ligados ao jongo e caxambu, além decorimas, jongs, lundus,

incelências e modas, enquanto lavava. Foi provavelmente nesta época que Clementina aprendeu os cantos de escravos que, anos mais tarde, fariam a sua fama. Aos oito anos mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. No bairro de Jacarepaguá, um vizinho *festeiro* (organizador de festividades populares) que sempre escutava a menina cantando dentro de casa, ofereceu a ela o papel de solista em procissões e festas religiosas. Clementina participava dos pastoris e ganhou dele o apelido de Quelé. Nesse folguedo natalino de origem portuguesa, cada figurante assume um papel. Clementina era a Peixeira, mas decorou e guardou os cantos de todos os personagens. Aos 12 anos, desfilava no Bloco Moreninhas das Campinas. Três anos depois, já cantava no coro de uma das muitas igrejas do bairro de Oswaldo Cruz. Por essa época, já frequentava as rodas de samba na casa de Dona Maria Nenê.

Áudio: *Canto dos Escravos*, interpretado por Clementina de Jesus (Quelé).

<https://www.youtube.com/watch?v=8YRTAuEjak8>

2º Passo: Ler o texto seguinte sobre sua juventude, ressaltando a riqueza das experiências vividas nas manifestações populares. Coloque o áudio. Debata com a turma sobre o trabalho de Clementina e sua vida cultural.

### **Texto 2:**

Após a morte do pai, a situação financeira da família ficou muito complicada e Clementina de Jesus não teve outra alternativa a não ser trabalhar como empregada doméstica, lavadeira e passadeira. Durante mais de 20 anos, esta foi a atividade que a sustentou. Clementina de Jesus dizia que, na casa onde trabalhava como empregada doméstica, todos gostavam de ouvi-la cantar, com exceção da proprietária, que dizia que a sua voz era irritante e parecia um miado de gato... Na casa de Mané Psado, área de samba e curimã em Oswaldo Cruz, participou de festas em honra dos orixás. “Não que fosse crente” – contava, mas gostava da festa e da oportunidade de cantar. No final dos anos 20, passou a frequentar blocos de Carnaval que, depois, se tornariam escolas de samba. Acompanhou de perto o surgimento e desenvolvimento da Portela, frequentando desde cedo as rodas de samba da região. Foi amiga de Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Paulo da Portela, foi ensaiadora de pastoras de Heitor dos Prazeres, conheceu tia Ciata, em cujo terreiro nasceu o samba carioca, e cantou em seus candomblés. Foi amiga de Dona Zica, mais tarde esposa de Cartola, e desfilou em curso com Noel Rosa, em 1930. Foi diretora da escola de samba Unidos do Riachuelo, amiga de Aniceto (que fundou o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano), mas achava que não era artista! Virou mangueirense quando conheceu seu primeiro marido Albino Correia da Silva, o Pé Grande, fanático torcedor da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Participava de festas das igrejas da Penha e de São Jorge, cantando canções de romaria.

Agora, ouça *Vai, saudade...*, samba de Candeia e David do Pandeiro na interpretação de Clementina de Jesus.

Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=6JMIKV7Ypks>

3º Passo: Leia o texto da “descoberta” da artista Clementina na 3ª idade. Suas glórias e dificuldades. Coloque o áudio e peça para que relacionem a vida da artista com o que foi visto nesta Unidade, sobretudo no que diz respeito aos aspectos da arte como forma de trabalho e sustento e a questão do “talento”. Por exemplo, refletir se Clementina tinha ou não talento; e, em caso positivo, refletir porque ela fez sucesso tão tarde, na vida.

### Texto 3:

O letrista e produtor musical Hermínio Bello de Carvalho ouviu-a numa tarde no restaurante Taberna da Glória, em 1963; foi encontrá-la novamente apenas no ano seguinte, quando a convidou para fazer seu primeiro show. O sucesso foi imediato, a ponto de Carvalho criar o musical "Rosas de Ouro" que percorreu as principais capitais brasileiras consagrando Clementina, que ocupou papel de destaque. Passou a ser considerada a Rainha do Partido Alto, com seu timbre de voz inconfundível. Além deste gênero, gravou também jongos, cantos de trabalho e outros, recuperando a memória da conexão afro-brasileira. Em 1983, foi homenageada em um espetáculo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a participação de sambistas consagrados como Paulinho da Viola, João Nogueira, Elizeth Cardoso e outros. Em 1985, recebeu do governo francês a "Comenda da Ordem das Artes e Letras", prêmio concedido a artistas excepcionais. O reconhecimento, porém, chegou muito tarde para Clementina. Morreu pobre, aos 85 anos, no dia 19 de julho de 1987, em consequência do quinto derrame. Mas, a humildade de sua condição não impediu que tenha sido e continue sendo, para muitos, uma rainha no Império do Samba. Sua discografia básica consta de 11 álbuns.

Ouçã, agora, Clementina de Jesus cantando *Me dá meu boné*.

Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=TUISBIBhK0>



Figura 11: Clementina de Jesus no Festival de Verão do Guarujá (1981).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Clementina\\_de\\_Jesus](http://pt.wikipedia.org/wiki/Clementina_de_Jesus)

---

## Aspectos Pedagógicos

É importante ressaltar que o universo da música não vive apenas do músico, e que enquanto campo de trabalho é um complexo multifacetado, formado por uma gama de atividades profissionais, que vão desde o artista propriamente dito, passando ainda pelo mestre popular, como o "tocador de rabeca", e o professor de música (do qual fazem parte os músicos instrumentistas com formação de Bacharel ou Licenciatura Plena em Música, que atuam em cursos livres e em escolas, públicas e privadas), o cantor/intérprete, o compositor, o arranjador, o letrista, o regente de

coro, o maestro de orquestra, até as atividades de pesquisador, produtor cultural, gestor de projetos em Organizações Não Governamentais, gestor público e muitas outras.

O carioca Hermínio Bello de Carvalho – poeta, compositor e produtor musical – é, desde jovem, um ativista cultural na valorização da identidade brasileira, segundo o ideário do nacionalismo de Mario de Andrade e Villa-Lobos. Por isso é considerado, hoje, uma das mais importantes referências para o mundo do samba. Foi um dos responsáveis pelo sucesso de Clementina de Jesus, reunindo-a com o violonista Turíbio Santos no musical "Rosa de Ouro" que estreou em 1965 e contava com a grande dama do teatro de revista Aracy Cortes, além de outros veteranos que constituíam o “núcleo de resistência” do samba, nessa época: Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Nelson Sargento e Jair do Cavaquinho. Na área da produção, estando à frente da Fundação Nacional de Arte – Funarte nos anos 70/80, criou e implantou o Projeto Pixinguinha, que percorre o país com espetáculos musicais a preços populares.

## Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	<i>Orfeu da Conceição</i> na escola (Teatro).	Computador com acesso à Internet; cópias (em papel) com diferentes trechos de <i>Orfeu da Conceição</i> .	Leitura dramatizada de trechos da tragédia carioca <i>Orfeu da Conceição</i> , de Vinícius de Moraes.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: apresente à turma o vídeo (publicado em 18/04/2014), que mostra um trecho da leitura dramatizada da tragédia carioca *Orfeu da Conceição*, por atores do grupo teatral Nós do Morro. A peça teatral criada, em 1954, pelo poeta e compositor Vinícius de Moraes (1913-1980), é um marco do teatro brasileiro por levar a realidade afro-brasileira para os palcos.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=CkNjr98BtgQ>

2º passo: observe, com seus alunos, as fichas técnicas do espetáculo *Orfeu da Conceição* presentes nos cartazes de Carlos Scliar e Ventura para a estreia de 1956, presentes no site <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/teatro/orfeu-da-conceicao>

Explique que a “ficha técnica” tem a função de informar ao público quem são as pessoas que fazem parte de

uma produção artística e suas respectivas funções e, por isso, é também um documento que comprova a participação do profissional num espetáculo teatral.

3º Passo: Organize a turma em grupos, para fazer a leitura dramatizada de trechos de *Orfeu da Conceição* – tragédia carioca em três atos. O número de alunos deverá variar conforme o número de personagens presentes nas partes utilizadas para a atividade. O texto, na íntegra, se encontra em no site:

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/teatro/pecas/orfeu-da-conceicao>

4º Passo: Se a turma ficar entusiasmada com a atividade, proponha a realização da leitura dramatizada como um evento de Arte, aberto ao público da própria escola, a ser realizado em dia e local definidos coletivamente. Nesse caso, será interessante a turma criar cartazes de divulgação, nos quais deverão constar os dados da ficha técnica.

---

## Aspectos Pedagógicos

Influenciado por incursões nos morros, terreiros de candomblé e escolas de samba em sua juventude, Vinicius de Moraes transpôs o mito grego de Orfeu para uma favela carioca, aproximando-se, portanto, da tragédia grega. A ideia se transformou no espetáculo *Orfeu da Conceição*, que estreou no dia 25 de setembro de 1956 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, contando com uma constelação de artistas em sua ficha técnica: Antônio Carlos Jobim compôs as músicas, Oscar Niemeyer criou os cenários, Carlos Scliar e Djanira fizeram os cartazes, o Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento forneceu os atores para o elenco (o próprio Abdias, Haroldo Costa, Ademar Pereira da Silva, Ruth de Souza entre outros, na segunda vez em que atores negros ocuparam o palco “sagrado” do Municipal). No ano seguinte, o diretor de cinema francês Marcel Camus iniciou, no Rio de Janeiro, as filmagens de *Orfeu Negro*. Vinicius compôs, para o filme, as canções "A Felicidade" e "O Nosso Amor". O filme recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes (1959), o Oscar de melhor filme estrangeiro e o Globo de Ouro (1960).

No mito grego, a versão mais aceita é a de que Eurídice morrepicada por uma cobra, e vai para o mundo dos mortos. Seu marido Orfeu, filho da musa Calíope e do deus Apolo, desce a esse mundo das profundezas e convence o deus Hades a permitir sua volta ao mundo dos vivos. Este consente, com a condição de que ele saia sem olhar para trás; por desgraça, Orfeu desobedece e olha para a esposa, que imediatamente mergulha na escuridão. O mito foi o tema da primeira ópera, criada no final do Barroco: *Eurídice*, obra do compositor italiano Jacopo Peri, estreou em 6 de outubro de 1600 em Florença, para a festa de matrimônio entre Henrique IV de França e Maria de Médici!



Figura 12: Paisagem com Orfeu e Eurídice (cerca de 1650), óleo sobre tela do pintor francês Nicolas Poussin (1594-1665).

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nicolas\\_Poussin\\_070.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nicolas_Poussin_070.jpg)

O mito de Orfeu reúne os principais temas da obra de Vinícius: a mulher, a fé no amor absoluto e a obsessão pela morte, transpostos poeticamente para as favelas cariocas. No musical, Orfeu é um sambista, filho de um músico e uma lavadeira, que vive no morro. Sua paixão por Eurídice desperta o ciúme e o desejo de vingança em Mira, uma ex-namorada. Esta leva Aristeu, que é apaixonado por Eurídice, a matá-la. Numa terça-feira, último dia de Carnaval, Orfeu desce do morro enlouquecido e vai até o Clube “Os Maiorais do Inferno”, procurar sua amada. Mas, seu esforço é inútil: não consegue resgatar Eurídice do mundo dos mortos. Solitário, volta à favela, onde é morto por Mira.

A leitura dramatizada de *Orfeu da Conceição* pelo grupo teatral Nós do Morro foi apresentada no dia 16 de abril de 2014, durante a Exposição “Vinícius de Moraes - 100 Anos” na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, como parte das comemorações em homenagem ao centenário de nascimento do “poetinha”. O Nós do Morro surge em 1986 com o Projeto Teatro-Comunidade, no Morro do Vidigal, Rio de Janeiro, como fruto das ideias do jornalista e ator Guti Fraga. No início, o objetivo era apenas dar maior acesso à arte e à cultura. Hoje, o projeto se consolidou e oferece cursos de formação nas áreas de teatro (atores e técnicos) e cinema (roteiristas, diretores e técnicos), além de oficinas de canto, dança e música para crianças, jovens e adultos da comunidade.

## Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte e revolução.	Computador com acesso à Internet.	Utilizar obras de diferentes linguagens artísticas (artes visuais, cinema, música, poesia) para discutir o caráter transformador da arte, tanto a nível pessoal quanto social.	Não há.	2 aulas de 50 minutos.

“Com os bons sentimentos sempre se fez a má literatura”. Essa é uma frase do escritor francês André Gide que pode funcionar bem como um elemento de síntese de todas as discussões realizadas na Unidade 4. Procure debater com os alunos a frase, tendo em vista antes de tudo o fato de que arte não é simplesmente aquilo que nos diverte e toca em nossos sentimentos mais medianos, mas, ao contrário, é aquilo que antes de tudo é capaz de produzir uma transformação em nossas existências, que nos confronta com problemas e nos impele muitas vezes a questionar o modo como costumamos solucionar esses problemas.

## Aspectos Operacionais

1º Passo: Discuta com os seus alunos que experiências transformadoras eles já tiverem com a arte: um show de música, um filme comovente, um livro impactante, um quadro de tirar o fôlego, um dançarino inacreditável, uma escultura que dá vontade de tocar, um prédio ou uma ponte meio “loucos” etc.

2º Passo: Acrescente às experiências deles outros exemplos que caracterizem bem o caráter transformador da arte. Seguem alguns links que podem ser muito úteis nesse caso!

a)



Figura 13: Cartaz de divulgação do filme *Laranja mecânica*.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Clockwork\\_Orange#mediaviewer/Ficheiro:A-clockwork\\_orange-poster.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Clockwork_Orange#mediaviewer/Ficheiro:A-clockwork_orange-poster.jpg)

Veja, antes da aula, o filme *Laranja mecânica*, de Stanley Kubrick (1971). Fale com os alunos sobre o tema da violência no filme e a tentativa de controlar aquele indivíduo considerado marginal ou “fora dos padrões” por meio da eliminação forçada dos aspectos indesejáveis do seu comportamento (como o tratamento por eletrochoque, um procedimento médico indicado para “acalmar” pacientes psiquiátricos considerados agressivos). Por fim, passe a cena “A cura”, acentuando a força da música de Beethoven e o poder das imagens do filme de Kubrick. A cena se encontra no seguinte link do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=RDKGgL9UvtI>

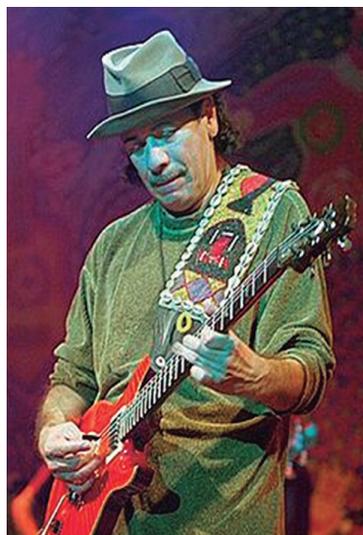


Figura 14: Carlos Santana, guitarrista e compositor mexicano, tornou-se famoso pela atuação de sua banda Santana Blues Band no Festival de Woodstock em 1969, quando conquistou projeção mundial.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Santana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Santana)

Procure fazer um trabalho de pesquisa com os alunos sobre o Festival de Woodstock, ponto culminante das gerações *hippie* e *beatnicos* anos de 1960, nos Estados Unidos da América. Pergunte sobre o que eles sabem sobre esses dois movimentos e forneça-lhes algumas informações sobre o contexto de resistência cultural e denúncia sobre a Guerra do Vietnã. Em seguida, mostre o vídeo da “lenda do rock” Carlos Santana, enfatizando o caráter apoteótico dos solos de guitarra e de bateria: [https://www.youtube.com/watch?v=oMjgaTt0\\_UQ](https://www.youtube.com/watch?v=oMjgaTt0_UQ)

Passa o vídeo de dança contemporâneo que se encontra no link do youtube <https://www.youtube.com/watch?v=9miLa5OPZlw> e sonde as impressões dos alunos depois de ver o vídeo. Tente estabelecer links entre o corpo e a lei da gravidade e fale sobre o poder do dançarino de, aparentemente, subverter essa lei. Aproveite para falar sobre liberdade e desprendimento.

Leia com os alunos os seguintes trechos do poema “Bomba suja” (1962) de Ferreira Gullar e converse com eles sobre a força crítica do poema sobre a triste atualidade do que está dito no poema e sobre a mensagem de esperança que surge inesperadamente no final.

### **A Bomba Suja**

Introduzo na poesia

A palavra diarreia.

Não pela palavra fria

Mas pelo que ela semeia. (...)

Que mata mais do que faca,

mais que bala de fuzil,

homem, mulher e criança

no interior do Brasil. (...)

Cabe agora perguntar

quem é que faz essa fome,

quem foi que ligou a bomba

ao coração desse homem. (...)

Mas precisamos agora

deter o sabotador

que instala a bomba da fome

dentro do trabalhador.

E sobretudo é preciso  
trabalhar com segurança  
pra dentro de cada homem  
trocar a arma de fome  
pela arma da esperança.

3º Passo: Depois de acentuar o caráter revolucionário da arte, mostre também a quantidade enorme de pessoas que participam da “criação coletiva” da obra de arte. Lembre a eles que, por detrás de cada imagem do cinema, há um electricista, uma cozinheira, um técnico de luz e de som, um mensageiro, um faxineiro etc. Tente puxar pela imaginação dos alunos e pergunte se eles podem enumerar as pessoas que trabalham dando suporte técnico à realização das obras de arte. Por exemplo: quantas pessoas precisam trabalhar para que um show aconteça e possamos cantar junto com os nossos cantores prediletos? E uma exposição, em um museu? E a televisão e o teatro? Quantas pessoas estão ali, vivendo o dia a dia da arte, a arte como trabalho, como técnica, como sustento da vida sem qualquer metáfora?

---

## Aspectos Pedagógicos

O importante na presente atividade é:

1) Conseguir mostrar que o papel da arte vai muito além do entretenimento fugaz ou da fruição estética da obra artística, mesmo por séculos depois de criada. Para isso, o método mais adequado talvez seja, a princípio, promover um contraste: acentue as diferenças entre arte revolucionária e arte comercial. Discuta a partir daí os problemas que surgem com a perda de seu potencial transformador, como: a submissão aos critérios do mercado, perda de criatividade, repetitividade, ausência de reflexão por parte do público, dificuldade de adequação ao mercado etc.

2) Levar os alunos a questionarem o próprio lugar da arte em suas próprias vidas. Para que ela “serve”? Para relaxar, amar, conhecer algo novo?

3) Estimular a percepção de que há muitas formas de se fazer arte, mesmo que não sejam consideradas “artísticas”, e também há muitas formas de participar, mesmo que indiretamente, da realização de obras de arte.

Lembre-se: a ideia do que é “arte” depende da época, do lugar e, sobretudo, de *quem* diz o que é ou não é arte!